

OS PENSAMENTOS
DE
STEPHANOPOULOS
O FILÓSOFO

Espírito Lucarino

Através do médium Fabio Bento

www.mediumfabioporto.com.br

Esta obra está registrada no Escritório de Direitos Autorais e o responsável pelo registro cede gratuitamente os direitos para veiculação através do site www.mediumfabiobento.com.br.

A divulgação, compartilhamento e tradução desta obra são livres e gratuitos, respeitada a sua integridade e não permitida sua comercialização.

APRESENTAÇÃO

Era a Grécia antiga, poucos anos antes do início do nascimento dos grandes nomes do pensamento grego. Mas Stephanopoulos já iniciava pensamentos e ideias que mais tarde, algumas delas, seriam ampliadas, revisadas, alteradas e finalizadas pelos grandes nomes da filosofia clássica. É evidente que muitas ideias foram descartadas e não foram à frente, mas outras foram revistas e melhoradas pelas grandes mentes gregas. Stephanopoulos não foi um grande nome, pois era retraído e não tinha facilidade para falar em público, o que era a maior barreira para mostrar suas ideias, que acabaram sendo perdidas. Contudo, muitas foram aproveitadas posteriormente e algumas podem ser agora revisitadas através deste livro psicografado.

Muito se aprenderá com as ideias de Stephanopoulos. Veremos que muitos dos seus pensamentos são hoje uma realidade, nos aspectos sociais e políticos. Este livro é baseado em fatos ocorridos na Grécia antiga e Stephanopoulos sucedeu alguns nomes do pensamento Grego, antecedeu a outros, assim como foi contemporâneo de vários.

Boa leitura.

Lucarino,
Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 2012.

Capítulo 1

Era um dia tranquilo e Stephanopoulos, um sujeito normal, sem grandes pretensões, andava entre as pessoas com certa timidez e respeito por todos. Esperava encontrar amizades em pessoas que compartilhassem de seus pensamentos, que, de certa forma, pensassem igual e tivessem os mesmos gostos.

Na noite anterior, sozinho em sua casa, ele pensava que as pessoas eram diferentes entre si, que muitas dividiam interesses, mas que a multidão era extremamente diferente e que havia ou poderia haver tantas divisões na multidão quantas pessoas existissem.

Naquele dia, portanto, Stephanopoulos saiu de casa em busca de pessoas que pensassem como ele. Queria isolá-las da multidão e, assim, poder observar melhor, não somente essas pessoas, como a multidão de forma mais detida.

Percebeu que aqueles que falavam à multidão pareciam compartilhar de suas ideias, ao menos em parte, porém somente estes se aproximavam mais dele, pois o restante das pessoas, aquelas com que ele conversou, não pareciam ter nada em comum. Com isso, Stephanopoulos concluiu que compartilhava as opiniões e gostos com aqueles que falavam à multidão e, portanto, não estavam nesta. Esses eram os filósofos.

Notou também que na multidão havia divisões. Pois para um mesmo assunto dissertado por um daqueles que falavam ao povo, havia opiniões e reações diferentes e era perfeitamente possível visualizar as pessoas com ideias em comum formando pequenos aglomerados, mas sem deixar de pertencerem à multidão.

Stephanopoulos percebeu que vários desses aglomerados se formavam, mas a multidão não se desfazia, com isso, entendeu que a multidão podia mesmo se dividir, mas não perderia sua totalidade, ou seja, não deixaria de ser multidão pela formação de aglomerados.

Após este evento onde observou a movimentação das pessoas em convívio, pôs-se a pensar no que viu e no que aprendeu. Ainda era tudo confuso para ele, mas colocando seus pensamentos em ordem, começou a estruturar suas observações. E as resultantes disso tiveram impacto no desenvolvimento do pensamento referente aos grupos, classes sociais, partidos políticos e à teoria de conjuntos.

Obviamente não foi Stephanopoulos o pai desses pensamentos, pois que ele não era um homem conhecido por concluir suas ideias. Mas, certamente, observou esses padrões e, de forma rudimentar, ensaiou o esboço do que seria mais tarde, a completa formação daqueles pensamentos.

Tratamos de um filósofo, Stephanopoulos, que observava muito bem as relações humanas e suas ramificações, tendo boas ideias a respeito. No entanto, não conseguia desenvolvê-las de forma a concluir uma teoria. Algumas vezes conseguiu isso, porém, na maior parte dos casos, como especialmente o citado, não conseguia ter fluência suficiente para levar a fim suas observações iniciais. Contudo, mesmo apenas suas percepções têm grande valor, pois revelam uma fotografia de seu pensamento, sem, porém, demonstrar a totalidade de seu impacto.

Depois de muito pensar, Stephanopoulos decidiu retornar a sua casa para elaborar melhor sobre o que tinha observado e, talvez, escrever algo a respeito.

Não era ele um legítimo pensador como outros filósofos. Mas em verdade, ele foi sim, um filósofo, apenas não ocupou espaço importante na *Pólis*, tampouco seu nome ganhou destaque nas gerações que o sucederam, mas em alguns casos, Stephanopoulos conseguiu encontrar soluções criativas e avançar o pensamento de forma considerável.

Sobre suas observações com a multidão e suas pequenas aglomerações, ou seja, os grupos que se formaram mediante estímulos intelectuais, Stephanopoulos chegou a conceber o embrião da ideia de partidos políticos, evidente que não com-

essa nomenclatura. Em suas conversas com alguns amigos, posteriores às suas primeiras observações, ele confidenciou que suspeitava ser possível que apenas uma pessoa, que representasse um daqueles aglomerados que se formavam na multidão, pudesse defender as opiniões de todos os outros, devido às afinidades de pensamentos. Não necessitando, portanto, que todos se pronunciassem e com isso, segundo ele, haveria mais ordem. Esse foi o ponto mais profundo que Stephanopoulos chegou em relação às suas boas observações, pois logo seu interesse foi alterado de direção.

Logo na manhã seguinte, Stephanopoulos saiu de sua casa e viu um grupo de aprendizes de filósofos. Os jovens caminhavam alegremente e conversavam de forma descontraída. Com certa distância, Stephanopoulos seguiu-os e verificou que se dirigiram a um jardim, onde encontraram com um homem mais velho, que na verdade, era o mestre daqueles jovens.

Stephanopoulos sentou-se à relativa distância, pois conseguia ouvir o que era dito. O mestre cumprimentou seus alunos e iniciou seu discurso falando sobre a importância de se falar bem e convencer as pessoas sobre o que se está dizendo. Falou sobre este tema um pouco, mas depois iniciou outro, que chamou ainda mais a atenção de Stephanopoulos. O mestre falava sobre os deuses e as coisas que os olhos não podem enxergar.

Com muita atenção, nosso filósofo acompanhava cada palavra dita pelo mestre. Tamanha era sua compenetração, que o próprio mestre percebeu seu interesse e, com as mãos, o chamou para tomar acento próximo ao grupo. Inicialmente, ele recusou, mas devido à insistência recheada de bondade e simpatia do mestre, acabou aceitando. Aproximou-se e foi saudado:

- Saudações! Sou Harpes e estes são jovens com insaciável vontade de saber.

Sem nada a dizer, apenas sorriu e sentou-se junto aos jovens, apenas alguns anos mais novos que ele. Harpes prosseguiu:

- O que é a morte? Por que somos inertes após morrermos? Existe beleza na morte? Existe vida após a morte? Onde ficamos? Não temos corpo? Como vivemos então?

A cada pergunta, Harpes lançava um olhar desafiador aos jovens. Então fez uma pausa e se dirigiu a Stephanopoulos:

- Diga-nos como és conhecido.

Stephanopoulos respondeu sorrindo:

- Sou Stephanopoulos.

O mestre então perguntou:

- Stephanopoulos, diga-nos, como vivemos depois da morte?

Não era algo que ele havia pensado a respeito. Stephanopoulos jamais abordara antes esses temas. Portanto, não sabia o que responder.

- Não saberia dizer, Harpes.

O mestre, então, lhe respondeu:

- Vivemos apenas... livres como pássaros. Há mais do que vemos. E o corpo é o que vemos. Mas vivemos sem o corpo, pois há mais do que vemos.

E assim Harpes continuou seu discurso. Ao final, Stephanopoulos observou os jovens se encaminhando novamente para o lugar de onde chegaram, mas preferiu esperar mais um pouco. Harpes onde estava, ficou. E como Stephanopoulos ainda estava no mesmo lugar, o mestre sorriu e lhe disse:

- Apreciei sua presença, Stephanopoulos.

Surpreso com o comentário, ele apenas respondeu sorrindo:

- Muito obrigado. Aprendi bastante.

Com olhar enigmático, o mestre lhe perguntou:

- Sobre o que mais aprendestes hoje?

Stephanopoulos pensou um pouco, mas respondeu logo em seguida:

- Sobre algo que nunca havia pensado. Na vida depois da morte, como explicou.

O mestre continuou tentando tirar informações dele:

- E o que pensas agora?

Com voz vacilante, devido à tensão de ser interrogado por um mestre, Stephanopoulos respondeu:

- Creio que necessito de mais pensar no assunto, no entanto, tenho bastante motivo para me convencer de que há algo maior que está entre nós e além de nós.

Harpes cerrou seus olhos como que demonstrando espanto com a resposta. Perguntou:

- Jamais havia pensado sobre isso e tem essa abstração?

Stephanopoulos ficou um pouco desconcertado, pois achou que Harpes poderia estar duvidando de sua palavra, mas apenas sorriu de lado e silenciou. O mestre prosseguiu:

- Isso é muito bom... demonstra que aprende rápido – Harpes derrubava as desconfianças de Stephanopoulos.

O discípulo sorriu e o mestre continuou:

- O quanto sabes das coisas?

- Que coisas?

- As coisas que pensa, que vê, que ouve.

- Vejo muito, penso pouco e nada entendo.

Harpe olhou ainda mais surpreso e intrigado para Stephanopoulos. Ficou alguns segundos assim e logo continuou:

- Nada entende? – Fez uma pausa e continuou. – Qual o motivo para pensar pouco?

- Não sei... talvez por falta de conclusão.

Harpe sorriu e respondeu:

- Não precisamos ter todas as respostas, mas precisamos fazer muitas perguntas.

Stephanopoulos sorriu e sacudiu a cabeça em concordância, como quem entendeu algo valioso. Balbuciou:

- Eu faço mesmo poucas perguntas.

O balbucio de Stephanopoulos foi suficientemente alto para Harpes ouvir e responder:

- Talvez esteja nessa causa o motivo de crer que nada entende. Faz poucas perguntas... e com poucas perguntas, pouco pensa.

Stephanopoulos logo se colocou:

- Mas vejo muito...

O mestre respondeu também sem pensar:

- Observa muito, mas sem perguntar e pensar, as coisas cessam e nada se entende do que se viu. Já pensou nisso?

- Mais uma pergunta? – Stephanopoulos se referia àquela feita por Harpes.

O mestre sorriu e respondeu:

- Sim, mas essa você precisa responder com pensamentos... muitos pensamentos.

Stephanopoulos ficou em silêncio e logo o mestre lhe indagou novamente:

- Acredita nos deuses, Stephanopoulos?

- Pouco pensei sobre isso.

- Mas já tem algumas ideias a respeito. Já me consegue responder?

- Não sei se creio nos deuses...

- Mas disse que há algo além de nós...

- Sim... mas deuses... não sei... não sei se consigo crer que existam homens poderosos que governem nossas existências e não estejam sujeitos a tudo que nós, corpos mortais, estamos.

Harpes balançava a cabeça em concordância e acrescentou:

- Mas será que é mesmo assim?

- Como? – Stephanopoulos estava confuso.

Harpes explicou melhor:

- Será que os deuses são mesmo assim? Como homens que vivem em montanhas e nos governam e não vivem como nós? Será que os deuses são mesmo assim? Já pensou nisso?

Stephanopoulos ficou em silêncio e intrigado. Não sabia o que responder. Harpes, então, disse:

- Não havia pensado nisso, não é verdade?

Stephanopoulos respondeu:

- É verdade. Não havia pensado...mas como seriam esses deuses?

O mestre sorriu e disse calmamente a ele:

- Muito bem... você fez uma pergunta.

Stephanopoulos se surpreendeu e respondeu com entusiasmo:

- É verdade! Fiz mesmo uma pergunta!

Harpes disse a ele:

- Volte amanhã. Fique conosco e poderemos continuar nossa conversa depois que os jovens saírem. Agora preciso ir.

Stephanopoulos entendeu e agradeceu muito a Harpes pela oportunidade e pela conversa que tiveram.

O velho mestre pegou um caminho que levava a um local remoto, longe da cidade. E Stephanopoulos retornava para sua casa, mas com algumas perguntas para serem respondidas e com a intenção de elaborar outras mais.

Ainda havia muito para Stephanopoulos aprender, mas ele já estava em condições de

preparar alguns pensamentos que seriam muito úteis futuramente, se fossem lidos ou ouvidos.

No caminho de volta para sua casa, Stephanopoulos pensava muito, formulava muitas perguntas e sentia que avançava em muitos pontos. Sua mente fervilhava e efetivamente ele conseguia avançar em seus pensamentos.

Passou por algumas pessoas que falavam sobre religião e alguns deuses. Stephanopoulos se deteve a observar a forma como aquelas pessoas falavam dos deuses como alguém ou algo distante deles próprios, alguém inatingível, inacessível e poderoso o suficiente para destruir tudo e refazer depois.

Ele juntou seus pensamentos e questionamentos com o que ouvira daquelas pessoas e se apressou em retornar para sua casa. Ele queria escrever. Logo que chegou, preparou a pena e iniciou seus apontamentos:

“Falamos sobre deuses de forma longínqua. Nossa ideia de um deus é de alguém fora do que somos, fora de nossas ações, no entanto, entregamos a ele nossas vidas e tudo o que fazemos. Isso me parece controverso. Será mesmo um deus algo fora de nossa esfera de ações? Será mesmo um deus alguém com força para dirigir nossas vidas, mas sem coragem para viver entre nós ou como nós? Será mesmo um deus, alguém

*capaz de viver acima das noções que nos regem?
Será mesmo que um deus pode se criar sozinho?
Um deus pode aniquilar outro?*

Parece-me que a forma como entendemos as divindades está errada. Creio que exista algo além de nós e entre nós. E se assim for, se algo estiver mesmo entre nós, o que entendemos por deuses está errado, pois eles não se mostram entre nós e nós não os sentimos entre nós.

Não sei como é possível, mas me questiono sobre tantos deuses. Serão mesmo tantos deuses? Ou apenas um? Ou dois? Ou até mesmo três? E serão eles distantes de nós, algo além do que podemos ver e alcançar? Não seria algo mais simples se um único deus fosse capaz de falar a cada um, mesmo o mais pobre e miserável?

Não me vejo com capacidade de dar linhas finais ao que penso, pois ainda me falta bastante para alcançar alguma conclusão, mas creio que existam interesses de alguns em incentivar a cultura do povo em deuses distantes. Pois enquanto o povo se ocupa com tantos poderosos que jamais aparecem, mas que são capazes de os destruir, outras pessoas, que não ligam importância aos deuses, se ocupam em arrecadar dinheiro e ficarem ricas. Além de movimentar meios de conquistar ferramentas de engodo utilizadas contra o povo”.

Assim, Stephanopoulos acalmou um pouco do que tinha seu coração. Mas não havia concluído seus pensamentos sobre aquele assunto, como ele mesmo sabia. Precisava, portanto, pensar mais a

respeito, mas como das outras vezes, Stephanopoulos guardou o que havia escrito, mesmo necessitando pensar mais sobre o tema.

No dia seguinte, com poucos pensamentos além do que escrevera e sem nenhuma consistência adicional, Stephanopoulos retornou ao lugar da aula, como Harpes convidara, no entanto se mantendo distante e não se unindo ao grupo. Mas foi avistado pelo mestre, que o convidou para assistir novamente. Após alguns cumprimentos com os jovens, Harpes iniciou sua fala:

- Temos dito que há algo maior, que há algo que está entre nós. Mas o que seria? Alguém pode me dizer?

Silêncio entre os jovens. Harpes selecionou alguém:

- Teopoulos, diga-nos você...

O jovem não sabia ao certo, mas disse algo:

- Todos os deuses? – Respondeu em tom de pergunta demonstrando incerteza.

Harpes disse:

- Sabemos que os deuses estão a nos regeir, mas estão entre nós?

Outro aluno respondeu:

- Estão entre nós.

Harpes prosseguiu:

- É assim que o povo pensa?

O mesmo aluno respondeu:

- Creio que não...

Harpes concluiu:

- Não é assim que o povo pensa. O povo pensa que os deuses estão acima, além, não entre nós. Mas estão? Ou o povo está certo? Ou há uma mediação entre nós e os deuses?

Neste ponto Stephanopoulos não conseguiu se conter e interrompeu:

- Mediação? – Perguntou espantado.

Harpes prosseguiu:

- Sim... algo que está em nós e fala com o que está além de nós, os deuses. Mas esse algo não somos nós. Ou é? E se o que está além de nós sabemos o que é, os deuses, o que está em nós e não somos nós, o que seria?

Silêncio profundo. Ninguém fazia ideia da resposta. Muitos nem conseguiram acompanhar o raciocínio do mestre.

Harpes sabia que estava abordando um assunto muito elevado e não o fazia por conta dos alunos e sim de Stephanopoulos, por isso, perguntou a ele:

- Stephanopoulos, diga-nos o que pensa a respeito.

A princípio, ele se esquivou:

- Não saberia dizer, mestre.

Mas Harpes insistiu:

- Não seja raso... diga-nos sem receios o que pensa.

Stephanopoulos olhou em volta e todos os jovens o encaravam ávidos por sua resposta, pois percebiam a importância que o mestre ligava a ele. Respirou fundo e decidiu responder o que podia pensar a respeito:

- Este é outro assunto que não domino, jamais, em verdade, pensei sobre isso. Mas, de acordo com o que já pensei e sobre o que já ouvi, suponho que possa existir essa mediação, mas não sei dizer o que seria.

- Mas foi isso que perguntei! – Harpes insistia.

Todos riram, inclusive Stephanopoulos, que prosseguiu:

- Não sei, mestre. Preciso pensar a respeito. Mas a ideia de haver uma mediação é algo que aprofunda os debates e possibilita uma maior compreensão a respeito.

- E você não tem nenhuma pergunta a fazer? – Harpes sugeriu.

Stephanopoulos fez expressão de dúvida e não conseguia formular nenhuma. Harpes, então, prosseguiu:

- Se existe, como percebemos isso? Podemos ver? Tocar? Se está em nós, onde está? O que é isso?

Muitos jovens estavam em pânico, pois jamais tinham ouvido assuntos como aquele. Mas Harpes queria mesmo falar a Stephanopoulos, por isso, encerrou prematuramente a aula daquele dia:

- Hoje, encerramos. Pensem sobre isso e amanhã conversaremos a respeito.

Os jovens saíram cabisbaixos e em silêncio. Pareciam arrasados por tantas informações

profundas. Harpes, os observando, já à distância, confidenciou a Stephanopoulos:

- Muitos não estão prontos para isso... mas você...

Stephanopoulos olhou para o mestre e disse:

- Percebo o que está fazendo... e agradeço muito.

- Não me agradeça. Mas diga-me... crê ser possível tal mediação?

A pergunta deixou Stephanopoulos curioso:

- Você não sabe?

- Não. É algo que penso muito, mas não sei completamente. O que me diz?

Stephanopoulos sentiu-se intimidado e não sabia responder, por isso, deu ao mestre sua resposta padrão:

- Preciso pensar mais a respeito.

O mestre, que já havia identificado esse comportamento em Stephanopoulos, sorriu e disse:

- Certo. Pense e amanhã retorne.

Eles se despediram e Stephanopoulos retornou para sua casa com muitas dúvidas rondando sua mente.

Ao chegar em casa, logo tratou de escrever algo a respeito do que estava pensando:

“Ainda não consigo entender se existem deuses ou um deus ou mais de um, pois não consigo me entender com a existência de vários deuses. Ter apenas um seria mais prático e válido, pois seria mais simples. No entanto, não é esta a minha intenção ao escrever hoje. Porque sendo um ou mais deuses, me parecem estar além de nós, fora de nosso alcance. E assim sendo, como regem nossas vidas? Se somos homens e eles são deuses, como nossa fala com eles pode ser tão simples, o que possibilita isso? Teríamos dentro de nós algo que, de alguma forma, possibilita essa fala? Uma mediação entre os deuses e os homens? E se existe, como seria? Qual seria seu nome? Eu ainda não saberia dizer, mas estou mesmo convicto de que existe algo além de nós, que nos rege, apoia, ampara e fala conosco. E que para isso, usa algum mediador, este sim, presente em nossa constituição, de alguma forma, que ainda não sei”.

Stephanopoulos parou de escrever e ficou pensando em todos aqueles assuntos de maneira compenetrada. Estava muito intrigado.

Capítulo 2

No dia seguinte, novamente Stephanopoulos se dirigiu para a aula de Harpes. Chegou mais cedo que os outros e o mestre já estava no local. Após cordiais saudações, Harpes lhe perguntou se seus pensamentos haviam progredido a respeito do que disseram no dia anterior. Sobre isso, Stephanopoulos respondeu:

- Não muito, Harpes. Apesar de estar convicto sobre a existência de uma mediação, não sei muito a seu respeito.

- E por que está tão certo de sua existência? – Harpes perguntou.

- Muito simples – explicava – se nossa fala com os deuses é conquistada de forma simples e todos conseguimos e eles estão além de nós, algo em nós possibilita isso.

Harpes olhou bem para Stephanopoulos e perguntou:

- Você já falou com algum deus, alguma vez?

Essa pergunta foi crucial. Stephanopoulos respondeu timidamente após alguns segundos em silêncio:

- Não. Jamais...

Harpes permaneceu perguntando:

- Como então pode ter certeza de que a fala é simples e possível? Como pode saber? Conversou com pessoas que lhe confessaram falar com os deuses?

Certo constrangimento abatia a expressão de Stephanopoulos, que respondeu em tom de voz baixo:

- Não.

Harpes não mais insistiu e esclareceu o motivo das perguntas:

- Stephanopoulos, pergunto porque o que vejo é alguma dificuldade nessa fala e nem todos conseguem. Alguns não tentam, é certo. Mas entendo que esse tipo de atividade está centralizado nas mãos de poucos. Existem sim, pessoas que conseguem êxito, não com tanta facilidade, mas são poucos. Mesmo assim, continuo crendo na mediação, mesmo não sendo tão fácil a fala ou não sendo todos que a utilizem.

Stephanopoulos interrompeu:

- E por que nem todos a utilizam? Será que nem todos tem essa capacidade?

- A capacidade de falar com os deuses? –
Harpes tentava entender a pergunta.

Stephanopoulos esclareceu:

- Sim. De falar com os deuses através dessa mediação.

Harpes balançou a cabeça de forma negativa:

- Não sei. Isso ainda é controverso para mim. Vejo alguns com facilidades e outros sem nada e me pergunto por que os deuses dariam capacidades de fala para alguns e nada para outros? Isso seria de alguma forma, justo?

- Justiça... – Stephanopoulos disse com tom de divagação.

Harpes continuou deste ponto:

- Justiça, Stephanopoulos, justiça... O que será ela? Como será? Como se dá? Quem a define? E como a define?

Stephanopoulos tentou voltar à questão principal:

- Sendo justo ou não, o que parece ser é um mistério. Alguns tem, outros não. Mas não seria porque alguns praticam e outros não e todos teriam a mediação?

Harpes gostou da ideia e tentou entender:

- Você está considerando que todos nós temos a capacidade de fala com os deuses, pois todos temos a mediação em nós, apenas alguns não a utilizam porque não sabem?

- Isso!

Harpes sorriu e disse a seu discípulo:

- Muito bem, Stephanopoulos... fez uma boa pergunta...

Os jovens já chegavam para a aula e eles encerraram a discussão momentaneamente.

Depois das saudações cordiais, Harpes rapidamente iniciou com o levantamento da questão do dia anterior:

- Quem será o primeiro a nos dar suas ideias e pensamentos sobre o que falamos?

Os jovens estavam tímidos, mas após alguns segundos de hesitação, um deles começou a falar ao grupo:

- Mestre, pensei muito e creio ter chegado a pensamentos diferentes. Parti da ideia de deuses além de nós que nos regem e para isso se usam de uma mediação, que está em nós. Depois de muitas

perguntas, creio que os deuses podem ter partes deles em nós.

Silêncio profundo. Harpes ficou alguns segundos apenas olhando para o discípulo, mas em seguida perguntou:

- Partes deles em nós? Você poderia nos explicar melhor?

O discípulo concordou e tentou explicar:

- Não sei como é, seu formato, cor, tamanho. Mas se existe mediação com os deuses e nós não conhecemos mais nada aqui, conosco, que seja capaz de tal feito, só pode ser algo vindo dos próprios deuses ou partes deles.

- Algo vindo dos próprios deuses... – outro aluno destacou o trecho.

Harpes o aproveitou:

- Sim... também concordo. Algo vindo dos próprios deuses é uma explicação e parte dos deuses é outra. Mas... pergunto a vocês... e se forem as duas? Se a mediação é a soma dessas duas ideias?

Para alguns jovens, aqueles pensamentos já estavam longe demais, portanto, não conseguiam acompanhar. Ao olhar para suas expressões isso

ficava evidente, até mesmo para o discípulo que levou uma nova ideia e a expôs. Por isso, de forma prematura, Harpes solicitou a intervenção de Stephanopoulos:

- Diga-nos, Stephanopoulos... o que pensa sobre isso?

Como sempre tímido, tentou se esquivar:

- Não saberia dizer, é preciso pensar a respeito...

Mas Harpes insistia:

- Não se acanhe, Stephanopoulos. Isso não funciona mais... fale-nos... estamos aqui para entender o que todos pensamos.

Stephanopoulos não tinha muito que dizer, mas tentou pensar em voz alta:

- Gosto da ideia de ter uma parte dos deuses em mim. Gosto da ideia de ter algo dos deuses em mim. Mas quando isso foi colocado? Como foi colocado e em qual lugar? E por que não percebemos? Por que nem todos conseguem a usar? A mediação, como a entendo, deveria ser um facilitador para o homem falar com os deuses, mas não é isso que acontece e qual o motivo? Mas voltando ao início... creio que ter uma parte dos deuses e algo dos deuses possa ser a mesma coisa.

Harpes franziu a testa por espanto, disse:

- Mas, Stephanopoulos... algo dos deuses pode ser um artefato, não sendo obrigatoriamente uma parte deles.

- Mas se saiu deles, faz parte deles. Se eles fizeram tal artefato, por serem deuses... esse artefato já faz parte deles... mas não creio ser isso. Creio que ter uma parte dos deuses seja ter algo deles. Esse algo é uma parte deles. Isso é o que penso.

A turma estava em silêncio e Harpes tentava conjecturar, o que não demorou muito fazendo. Em seguida, perguntou a todos:

- Alguém tem mais algo que deseje nos dizer?

Os jovens não tinham mais nada. Harpes, então, disse que mudaria o tema e abordaria outras questões, de mais fácil discussão. Perguntou se alguém não concordava e não teve objeções. Com isso, pôs-se a falar de outros temas até o fim da aula.

Ao final, Stephanopoulos procurou Harpes para se despedir e o mestre lhe disse que precisava mudar o tema porque os jovens não estavam acompanhando, mas que eles dois poderiam continuar falando sobre a mediação. Stephanopoulos agradeceu e disse que voltaria no

dia seguinte mais cedo novamente para continuarem a conversa. Despediram-se cordialmente.

Stephanopoulos estava com a mente repleta de perguntas e tinha muito em que pensar. Já no caminho para casa, formulava questões e avançava em suas ideias.

Ao chegar em casa, não teve dúvidas, agiu como de costume e logo se colocou a escrever:

“Pensamentos rondam-me a causar loucura. Sinto-me estranho desde que conheci Harpes, hábil mestre e com quem muito aprendo. Não me sinto estranho devido a nenhum mal-estar ou aborrecimentos, mas porque funcione melhor pensando. Estou em boa fase e isto me causa estranheza. Mas prendendo-me nas questões, falo da mediação, que me assombra, pois que conceber que os deuses, de alguma maneira estão em nós, é algo, por si só, fabuloso. Pensei em outra classe de deuses, mesmo sendo divindades, seriam menos valorosos e estariam, desta forma, mais próximos a nós e falariam conosco. No entanto, descarto esta ideia para explicar a mediação entre os deuses e os homens. Pois considero que tal mediação está no homem e não fora dele, mesmo que em algum ponto entre os homens e os deuses. Talvez essa segunda classe de deuses, mais próxima, seja de guardiões dos homens, deuses que nos ajudam e protegem, orientando e guiando. E sendo assim,

cada homem teria o seu. Mas não creio que tal guardião seja a mediação, pois o contato que tratamos é do homem com os deuses, sem outro alguém envolvido.

Realmente não consigo me aprofundar nesta ideia de mediação. Mas estou convicto de que algo existe em nós e é capaz de provocar a mediação, que é a capacidade que todo homem possui de se comunicar diretamente com os deuses. Volto nisto mais tarde.

Pois agora desejo falar de algo curioso que presenciei com Harpes e os jovens. Harpes disse que mudaria o tema de sua fala e perguntou aos jovens se alguém não concordava. Isso foi algo que não sei explicar, mas entendo que cada um dos jovens tinha o poder em sua decisão. Cada um tinha a chance de mudar o tema de Harpes. Todos concordaram em mudar o tema. Mas e se alguns concordassem e outros não? Como resolver? Como decidir qual tema seria falado? Não sei. Mas este sistema me parece útil, pois dá voz ativa a todos os participantes, dando igual valor a todos e igual poder de decisão, para ação ou inércia. Se em um grupo de dez jovens, seis escolhem mudar o tema e quatro escolhem não mudar o tema, creio que a solução esteja no maior número. O maior número decide. Neste caso, seis jovens escolheram mudar o tema, então, o tema seria mudado. E mesmo os quatro jovens que não tiveram suas escolhas acatadas, foram valorizados, pois foram ouvidos. Chamo isso de escolha do povo.”

No dia seguinte, como combinado, chegou mais cedo e Harpes já o aguardava. Após as saudações cordiais, Stephanopoulos ansiosamente começou a contar tudo o que havia pensado a Harpes:

- Mestre... existem guardiães que nos protegem, são deuses menores, mas não são a mediação. E pensei na ideia de escolha do povo, que é um sistema...

Harpes sorrindo e bem-humorado, o interrompeu, pois Stephanopoulos estava eufórico e atropelando suas próprias falas:

- Acalme-se, Stephanopoulos... assim terá indisposições!

O discípulo sorriu e respondeu:

- O mestre está certo.

Harpes, porém, se interessou e disse a ele:

- Deuses menores... guardiães? Fale-me sobre eles.

Stephanopoulos, com calma, tentou explicar:

- São deuses, pois não são homens, mas estão mais próximos do homem que os outros deuses. Servem para nos ajudar e proteger. Cada homem tem o seu.

- E qual nome você dá a eles? – Harpes perguntou.

- Não sei, mestre.

Harpes, então, sugeriu:

- Daimon... seria um bom nome?

Stephanopoulos não gostou muito da sugestão e respondeu:

- Não sei... creio que deuses menores seja melhor para dizer o que são.

Harpes concordou e apenas disse:

- É uma boa ideia, Stephanopoulos... fale-me sobre o sistema de escolha do povo.

Stephanopoulos iniciou a explicação:

- Sempre que uma decisão precisar ser tomada, por poucas ou muitas pessoas, basta fazer uma pergunta e cada uma delas diz se aceita ou não. O maior número é a escolha do povo. Todos têm o poder.

Harpes sorriu e disse:

- Muito bem, Stephanopoulos... seu sistema de escolha do povo pode ser útil.

Os dois ficaram conversando um pouco mais sobre os temas, mas logo os jovens chegaram e a aula precisou começar.

Após as saudações cordiais, Harpes começou a falar:

- O que fazemos depois da morte? Para onde vamos? Estamos vivos, de alguma forma? Se sim, como vivemos e com quem? De que maneira? O que permite isso? Vemos os deuses?

Um dos jovens disse:

- Iremos morar nas nuvens com os deuses.

Harpes perguntou a todos:

- Alguém discorda?

Nenhum jovem se manifestou, mas Stephanopoulos pediu a palavra:

- Com respeito ao jovem, mas considero sua ideia um tanto simplória. Não saberia responder aos questionamentos de Harpes, mas não creio que as respostas sejam simples desta maneira.

Harpes se posicionou:

- Não é o fato de algo ser simples que o torne errado. Se discorda, diga-nos sua ideia.

Stephanopoulos não tinha ideia alguma, mas como sempre, tentou entender e responder:

- Não sei, mas pensando sobre a ideia de nosso amigo jovem sobre morar nas nuvens... As nuvens são algo como nós, apesar de inatingíveis às nossas mãos, podemos as ver. Existem como nós. Ao morrermos, nossos corpos não existem, isso sabemos. E se vivemos, não é através de nossos corpos. Há outra coisa que não vemos e não sabemos, então, moraremos em algum lugar que não vemos e não sabemos, não nas nuvens, que como nossos corpos, vemos e sabemos que existem.

Harpes comentou:

- Faz sentido, Stephanopoulos. Mas o que seria o que não vemos e não sabemos, que permite essa vida depois da morte?

- Não sei... preciso pensar mais a respeito – Stephanopoulos respondeu.

Harpes sorriu e disse:

- Não comece novamente com esse tipo de resposta. Vamos, Stephanopoulos, todos sabemos que não permitirei que faça isso! Responda-nos... diga-nos o que pensa.

O discípulo iniciou seus pensamentos em voz alta:

- Morar nas nuvens parece-me uma ideia inaceitável, mas nem todos pensam assim. Ao contrário, morar nas nuvens parece-me ser algo que muitos pensam ser possível. Mas não creio, pois como expliquei, é diferente do que seremos após a morte. Penso que possam existir nuvens que hoje, em vida, não vemos e sabemos que exista, mas que estão no céu e nos abrigarão após a morte.

Harpes tentou entender:

- Nuvens que não vemos?

Stephanopoulos explicou:

- Sim. Assim como vemos as nuvens agora, com vida, não vemos as outras nuvens, as da morte. Pois somente a podemos ver depois que morrermos. E nelas viveremos.

Harpes comentou:

- Me parece um pouco simplório também, pois no final, vivemos em nuvens da mesma maneira.

Stephanopoulos argumentou:

- Mas não são as nuvens que vemos, são nuvens feitas do que seremos feitos depois da morte.

- E do que seremos feitos? – Alguém perguntou.

- Temos algo em nós que permitirá isso, mas não sei o que é – Stephanopoulos respondeu.

Harpes sorriu e finalizou:

- A mediação!

Mestre e discípulo sorriram e perceberam que acabaram por retornar ao mesmo ponto. Harpes, portanto, mudou o tema até o fim da aula.

Depois da saída dos jovens, o mestre iniciou novamente a conversa com Stephanopoulos:

- Regressamos à mediação...

Stephanopoulos sorriu e respondeu:

- É verdade, mestre. Isso deve ser para nos mostrar que ela é realmente importante.

O mestre consentiu e perguntou:

- Você disse que as nuvens que vemos depois da morte são feitas do que é feita a mediação?

Stephanopoulos pensou e respondeu:

- Sim... é isso.

O mestre ainda não entendia:

- Mas como seria? Poderíamos ver quem ainda estivesse aqui? Como seria essa ideia de nuvens que vemos depois da morte?

Stephanopoulos tentava explicar:

- Creio que elas já existam, mas nós não vemos ainda, pois estamos vivos. Depois que morrermos, o que está em nós e não vemos, a mediação, assumirá o controle e se combinará com as nuvens, com isso poderemos morar lá. E como seria a vida... não sei... não sei como seria a vida depois da morte...

Harpes estava curioso:

- Vida depois da morte em nuvens que ainda não vemos... mediação... são boas ideias... mas ainda não consigo entender a tudo... quero perguntar, mas mesmo as perguntas me fogem... não consigo compor nada que possa ter uma resposta que avance esta ideia...

Stephanopoulos concordou com o mestre:

- Sim, Harpes, compartilho sua angústia, pois sinto o mesmo. Desejo perguntar para avançar a ideia, porém nada consigo.

Harpes sorriu e disse:

- Mas isso é assim mesmo! Vamos para casa!

Stephanopoulos concordou e respondeu ao mestre:

- Sim... talvez algo surja...

- De onde? – Harpes perguntou.

- Não sei... talvez da mediação – Stephanopoulos respondeu.

Harpes sorriu e eles cumprimentaram-se e retornaram às suas casas. O discípulo estava com a mente fervilhando, mas não conseguia arrumar seus pensamentos, no entanto, desejava logo chegar em casa, pois queria escrever sobre o que conversaram.

Capítulo 3

Stephanopoulos chegou em sua casa e começou a escrever:

“Sobre a mediação, ainda não tenho muito mais, porém, cheguei até a ideia de nuvens formadas para nos abrigar após nossa morte, algo que hoje não vemos, pois estamos vivos. Mas que, ao morrermos, sem o corpo, que de alguma forma nos atrapalha, teremos algum tipo de liberdade e nossa mediação estaria livre também para agir. Com isso, moraríamos em nuvens feitas do que é feita a mediação, por isso, poderíamos a ver.

Hoje, não conseguimos ver a mediação, mas sabemos que ela está em nós. Da mesma forma, não podemos ver as nuvens que habitaremos depois da morte, mas sabemos que elas existem. Se a mediação e as nuvens existem, por que não as vemos agora? Minha resposta tende a ser única: O corpo, pois é o único elemento existente em vida e inexistente depois da morte. Por isso chego à conclusão de que o corpo é o que impede a total utilização da mediação em vida e impossibilita virmos as nuvens da morte agora.

Sobre precisamente as nuvens. Como seria a vida nelas? Como nos vestimos, andamos? Como nos alimentamos? Moramos mesmo com os deuses? A ideia de morar com os deuses me parece tola, pois não faria sentido os deuses se esconderem, se omitirem agora e depois estarmos no mesmo nível, ao menos de moradia, que eles.

Sobre os deuses, pensei bastante e tendo a acreditar que a ideia de vários deuses é uma grande tolice inventada pelo povo. Isso é simples. Existem várias formas, chuva, sol, vento, mar, rios, montanhas, secas, abundâncias, pestes, misérias, saúde, pobreza, riqueza. Apenas para colocar o que penso. O povo, em sua incapacidade de possuir um pensamento total, pensou ser necessário um deus para cuidar de cada forma de agir. Isso tem sentido. Mas o povo esquece-se de que, ao falar de deus ou deuses, falamos de algo além e muito além de nós, capaz de mudar tudo, se assim desejar. Alguém com esses atributos não precisa de ajudantes. Quem é um deus, não precisa de outros deuses para fazer o seu trabalho. Eu conluso, então, que não existem deuses, rejoito esta ideia. Creio apenas na existência de um único deus, poderoso e capaz de salvar ou destruir o mundo apenas por sua simples ação”.

Stephanopoulos parou de escrever e sentiu-se satisfeito com o resultado. Investiria seus esforços no pensamento sobre a medição, algo que lhe intrigava demais.

Depois, saiu de sua casa e foi andar entre as pessoas e observar o que faziam, suas vidas e costumes.

Ele queria entender a forma como as pessoas agiam, para talvez propor algo diferente que melhorasse a vida de todos.

Enquanto caminhava tranquilamente entre as pessoas, ficou pensando na mediação, nas nuvens da morte, como estava as chamando e na existência de um único deus. Mas seus olhares atentos perceberam as diferenças entre as pessoas do lugar. Algumas aparentavam serem ricas, com suas vestes elegantes e adornadas. Outras, no entanto, pareciam ser bem pobres, simples, vestindo trapos e com as aparências de se lamentar. E ainda havia outras pessoas que, se não pareciam ricas, também não pareciam pobres. Estavam bem no meio desta imaginária divisão.

A mente de Stephanopoulos começou a funcionar de forma mais criteriosa e ele se questionava: Por que todos estão vivendo juntos, mas parecendo estarem separados pelo que possuem? Se existem divisões, e isto está claro, por que é assim? Não deveríamos sermos todos iguais? O que muda? O que faz mudar? Por que existem essas mudanças do povo? Porque ninguém nasceu com posses, ao menos não nasceu vestido de ouro ou trapos. Todos nascemos sem roupa alguma. Se assim é, representa um sinal de deus, o único, dizendo que somos iguais, pois aqui chegamos de maneira igual, pela dor da mãe, sem roupa e frágeis. Mudamos depois. E por quê? O que causa isso?

Stephanopoulos concluiu que não somente ele, mas outros deveriam pensar nessa questão, que chamou de as mudanças do povo. E que,

precisamente, observava o povo, sua vida, costumes, distinções e formas gerais de se comportar em conjunto.

Não foi uma ideia levada adiante por Stephanopoulos, mas foram boas observações a respeito do convívio em sociedade.

No dia seguinte, já na presença de Harpes, antes da aula começar, Stephanopoulos disse a seu mestre:

- Harpes, se temos a mediação... e todos temos a mediação, por que é tão difícil falar com deus? Pois creio ser ele único e não mais de um. Por que as pessoas acreditam que não são capazes de falar com deus ou com os deuses como acreditam? E por que acreditam em deuses e não em deus? Por que apenas poucos dizem serem capazes de falar com deus ou com os deuses?

Harpes sorriu e disse em tom humorístico:

- Vejo que está fazendo muitas perguntas!

O discípulo também sorriu e comentou:

- É certo, mestre... mas estou agitado com esses pensamentos... creio estar perto de algo forte e muito valioso para todos.

O mestre disse a ele:

- Entendo, Stephanopoulos, mas mantenha a calma. Com o corpo agitado, as ideias se embaralham. É preciso ter as ideias agitadas, mas o corpo calmo. Assim, as ideias ganham vida suavemente.

Harpes fez uma pausa e continuou:

- Suas perguntas são boas e vejo que chegou a um único deus...

Stephanopoulos fez um pequeno comentário a respeito:

- Sim. Não creio em outra maneira eficaz de vivermos. Se existe deus, é mais poderoso que tudo, com isso, não precisa de ajudantes. Pode fazer tudo sozinho. Mais de um deus, em condições iguais, acabariam brigando e destruindo o mundo. Não estaríamos mais vivos.

Harpes sorriu e perguntou:

- Sua ideia é muito boa. Mas o único deus pode agir em nós através da mediação, como os deuses podiam na ideia que nos levou a esta?

- Sim! – Stephanopoulos respondeu de forma eufórica.

Harpes fez nova pergunta:

- Crê que todos podem, pela mediação, falar com deus?

- Não sei. Essa é uma das minhas perguntas. Creio que é possível, mas não sei como, nem tenho convicção disso.

Harpes fez expressão de quem pensou em algo novo e compartilhou com Stephanopoulos em forma de pergunta:

- Acredita que a mediação seja imortal? E assim seremos imortais após a morte?

Stephanopoulos respondeu:

- Sim. Porque depois de morrermos, vivemos nas nuvens da morte por intermédio da mediação, que sobrevive, diferente do corpo. Seremos nós, mas de forma diferente, com forma diferente, mas imortais.

Harpes sorriu e disse ao discípulo:

- Suas ideias estão muito boas, Stephanopoulos. Continue assim.

Stephanopoulos agradeceu e a aula já iria começar, pois os jovens se aproximavam do local.

Após as saudações cordiais, Harpes iniciou sua fala:

- Aquele que pensa é aquele que é o melhor entre os homens?

Ninguém se arriscou a responder. Harpes prosseguiu:

- Aquele que melhor fala, que seduz pela fala, que encanta... que convence... é o melhor entre os homens?

Um dos jovens perguntou:

- E o que é ser o melhor dos homens?

- Muito bem, meu jovem – o cumprimentou, Harpes – melhor é aquele que se destaca em alguma atividade, de forma permanente ou momentânea. Portanto...

O mesmo jovem concluiu o pensamento de Harpes, que na verdade era uma pergunta:

- Devemos perceber e nos deter à atividade exercida.

Harpes elogiou e continuou:

- Muito bem. E se a atividade for viver... pensar e falar convencendo garante que alguém seja o melhor entre os homens?

Outro jovem disse:

- Sim, mestre. Entre os homens, aqueles que dominam a fala perfeita são os melhores.

Harpes analisou:

- Está correto se apenas considerarmos a vida de homens com homens.

O jovem retrucou:

- Mas não é o proposto?

Harpes explicou:

- Vivemos entre os homens, mas temos a vida com os homens e com... os deuses...

Os jovens mostraram nas expressões de seus rostos que haviam entendido a intenção oculta na pergunta do mestre, que continuou:

- Sabendo disso... volto a perguntar... falar convencendo e pensando com correção dá ao homem a condição de melhor entre os homens?

Silêncio absoluto. Harpes apontou para um jovem e pediu que respondesse:

- Por favor, jovem, diga-nos o que pensa.

Tímido, o jovem tentou responder:

- Entendo que precisamos nos deter na vida dos homens com os deuses, pois que a vida dos homens com os homens foi respondida. E depois, podemos até mesmo juntar as explicações e tentar uma única resposta. Sendo assim, detendo-me na vida dos homens com os deuses, digo, mestre, que apenas pensar e falar convencendo não é ser melhor entre os homens, pois os deuses esperam muito mais de nós.

Harpes ficou entusiasmado com a resposta:

- Muito bem, meu jovem! Entendeu muito bem o proposto. E por que os deuses esperam muito de nós? E se esperam muito de nós, o que esperam?

O mesmo jovem tentou responder:

- Os deuses esperam sempre que saibamos tudo de tudo, pois eles próprios são assim. Esperam que nossas ações sejam corretas sempre.

Harpes perguntou:

- Corretas? Como assim corretas?

O mesmo jovem tentou novamente responder:

- Sem erros.

Harpes tentou dar mais base aos jovens:

- Apenas sem erros, seria nos deter na vida dos homens com os homens. Os deuses esperam mais. Que correção seria?

Stephanopoulos teve uma ideia naquele momento e pediu para compartilhar:

- Mestre, se me permite... pensei em algo e desejo compartilhar até mesmo para entender se estou certo.

Harpes consentiu:

- Sim, Stephanopoulos.

O discípulo disse:

- E se tudo aqui onde vivemos fosse igual ao que há na morada dos deuses, mas nada fosse tão correto, como se as coisas e os pensamentos fossem apenas partes do que se vê lá?

Harpes tentou entender:

- Se as coisas daqui, incluindo os pensamentos, fossem apenas imperfeições do que existe na morada dos deuses? É isso?

- Isso mesmo – Stephanopoulos respondeu.

O mestre silenciou. Não fez nenhuma expressão. Mas logo em seguida respondeu:

- Boa resposta... é isso que os deuses esperam de nós.

E assim encerrou a aula daquele dia. E como sempre, Stephanopoulos esperou os jovens irem embora para conversar a sós com o mestre.

Quando já estavam apenas os dois, o mestre comentou:

- Esta ideia sobre a morada dos deuses e a imperfeição das coisas da morada dos homens é instigante...

O discípulo sorriu orgulhoso, mas usou de cautela:

- É uma ideia instigante, sim. Mas deve ser melhor elaborada... ainda há muito em que pensar para melhorá-la.

- Como o quê? Faça perguntas! – Harpes disse.

Stephanopoulos sorriu e colocou suas dúvidas:

- Creio que se nossas coisas e pensamentos aqui onde vivemos são imperfeições do que existe na morada dos deuses... também nós o somos. Somos criaturas mal-acabadas e falíveis por essência.

Harpes pensou um pouco e perguntou:

- Mas seríamos todos assim?

O discípulo não teve dúvidas:

- Todos assim. Porque, ao contrário, teríamos deuses morando entre nós, vivendo como mortais, mas sendo perfeito como deuses.

Harpes ficou em silêncio, mas sorrindo de satisfação. Após alguns segundos, disse ao discípulo:

- Creio que você precisa ir para casa e terminar isso...

Stephanopoulos apenas sorriu e se despediu. Logo rumou para sua casa. Seus pensamentos eram desconexos, mas ele sabia que ao começar a escrever, tudo se organizaria. Ele escreveu assim:

“Tudo o que existe ao nosso redor é uma cópia do que existe na morada dos deuses, na verdade, na morada do único deus existente. Ainda mais se pensarmos que a perfeição é única, e sendo a perfeição um atributo dos deuses, a divindade não pode ser mais de um, portanto, sendo deus perfeito, apenas pode ser um, único, como a perfeição. E desta forma, dono da perfeição, fez todas as coisas e pensamentos desta maneira, perfeitos. No entanto, esta perfeição apenas existe em sua morada. E tudo o que existe na morada dos homens, coisas e pensamentos, são imperfeitos, são

cópias imperfeitas do que existe na morada de deus. Incluindo o próprio homem. Somos imperfeitos como nossas ideias e pensamentos. Mas seria assim para todo o sempre? Não poderia o homem evoluir para a categoria de deus, no que concerne à perfeição? Estaria o homem condenado à mediocridade eterna? Se houver bondade no coração deste deus, a resposta é que podemos, sim, evoluir e melhorar, pois ele não faria uma enorme maldade como esta, não permitindo que nós tivéssemos oportunidades. Mas seria deus bom? É preciso se desvincilar da ideia do povo, da ideia antiga. É preciso algo novo. Nesta nova forma de pensar, poderia deus ser bom e não vingativo? Ser justo e não apenas agir para satisfazer seus próprios desejos? Teria este deus, desejos? E quais seriam?

Todos os homens são imperfeitos, ao contrário, teríamos um deus entre nós, vivendo como nós. Mas não podemos ter alguém melhor do que nós e pior que deus existindo entre nós? Creio que é possível.

Isso me leva a pensar mais sobre os sistemas usados aqui. Se somos imperfeitos em nossas ideias e ações, o que construímos está errado. Nossa base de existência está errada. Nossas formas de controle estão erradas. O homem deve viver para o outro e não apenas para ele, satisfazendo seus caprichos e necessidades. Deve o homem entender que deve buscar a perfeição, e isto precisa iniciar em cada um, quando fizermos qualquer ação. Pois toda ação terá consequência não só no outro, mas

em tudo o que vemos e fazemos. Toda ação do homem deve ser pensada e tomada de forma a visar o bem de todos. Pensar em união, agir visando todos, não apenas um, seus interesses e necessidades. Ser um, mas pensar e agir por todos. Este é um ideal para os povos”.

Stephanopoulos adormeceu logo que terminou de escrever.

O filósofo teve um sonho estranho:

Ele estava em um bosque muito florido, com árvores grandes e de boa aparência, havia muita luz e podiam-se ouvir pássaros cantando. Ele caminhava pelo bosque e tinha a impressão de estar com alguém a seu lado, mas não sabia quem era, no entanto, sentia-se bem assim e, de certa forma, parecia confiar em tal pessoa, que o conduzia pelo bosque e lhe falava muitas coisas. Contudo, o que mais lhe chamou a atenção foi quando esta pessoa disse que ele seria grande, mas apenas na morada de deus, e que seus pensamentos, apesar de corretos em sua maioria, seriam úteis somente para que outros também pensassem a partir deles. E que um dia ele seria redimido. Depois falaram de muitas outras coisas, das quais, ao acordar, Stephanopoulos não se lembrou.

Ao despertar, a princípio não se recordou de nada, de sonho algum. Colocou-se a realizar suas tarefas e, somente depois de bastante tempo,

vagamente lembrou-se de ter tido um sonho com um bosque e que alguém estava com ele. Mas não se recordou de nada que haviam conversado. Ficando apenas a mensagem gravada nos confins de sua mente.

No dia seguinte, Stephanopoulos retornou ao encontro com Harpes. Ao chegar e após as cordiais saudações, perguntou a seu mestre:

- Harpes... considera mesmo que haja um único deus?

Eis que Harpes respondeu:

- O que você considera, Stephanopoulos?

- Apesar de ter dúvidas, creio que existe mesmo apenas um único deus.

- E qual o motivo de dúvidas? Achei que o irmão estaria seguro em seus pensamentos – Harpes disse.

- E estou – Stephanopoulos respondia – mas quero ter certeza de que não estou me enganando.

Quanto a isso, Harpes disse:

- Já não ouviu que os deuses nos ajudam? Não é desta forma que o povo os trata? Como benfeiteiros? Isto exposto, Stephanopoulos, um

único deus também agiria assim, e com isso, iria o ajudar a entender não o colocando em caminhos obscuros do entendimento.

Stephanopoulos se deteve a pensar alguns momentos sobre o que havia acabado de ouvir de seu mestre. Depois concluiu:

- Sábias palavras, mestre. É por isso que estais onde estais. É por isso que escuto e vós quem fala.

Harpes não se envaideceu com os elogios e respondeu ao seu discípulo:

- Hoje escutas, amanhã também falarás. Tudo isto é apenas uma roda, uma passagem, um momento. Algo que fazemos hoje tem valor para tudo hoje. Amanhã faremos mais para outras coisas, com outros valores. Melhorando sempre o que somos aqui.

A explicação intrigou Stephanopoulos, que perguntou:

- Está dizendo que fazemos hoje, mas amanhã faremos outra coisa, pois iremos sempre nos modificar dentro de tudo o que fazemos, do nascimento à morte?

- Fazemos coisas diferentes para melhorarmos sempre e porque precisamos cumprir nossa parte

diante as outras pessoas e ao próprio deus – Harpes respondeu.

Stephanopoulos gostou da explicação, mas estava intrigado. Havia entendido o ponto de vista de Harpes, somente nunca havia visto daquela maneira. Certamente iria tentar desenvolver mais seus pensamentos sobre o que ouvira.

Os jovens estavam chegando e a conversa precisou ser interrompida.

Após todos se cumprimentarem, Harpes iniciou com perguntas:

- Onde vivemos... possuímos uma vida justa, honesta em termos de controle, dinheiro, distribuição? Temos igualdade?

Fez uma pausa e dirigiu uma pergunta a um aluno:

- Termes, acha que temos uma vida igual para todos? Acha que o que você faz não causa danos ou beneficia seu amigo, seu vizinho?

O jovem Termes não sabia ao certo o que responder, mas disse:

- Vida igual, não temos. Sei pelo que vejo. Minhas ações podem afetar meu vizinho, mas apenas se forem ligadas a ele.

Harpes perguntou novamente a ele:

- Termes, então você crê que suas ações apenas afetam seu vizinho se forem ligadas a ele?

- Sim. O jovem respondeu.

Harpes deu sua visão:

- Eu penso diferente. Creio que tudo que faço afeta alguém, de alguma forma, em algum lugar... E o que podemos fazer para melhorar isso? O que pensar disso?

Fez nova pausa e olhou para os discípulos. Estavam todos em silêncio, pois não tinham o que dizer. Continuou:

- O que entender disso?

Stephanopoulos interrompeu fornecendo uma sugestão:

- É preciso organizar.

- Organizar? Harpes perguntou.

O discípulo continuou:

- Sim. Não é possível deixar apenas que as coisas boas, digo, as boas ações sejam benéficas para meu vizinho e as coisas ruins prejudiquem a

ele. Se for organizado, se tiver uma tarefa ou tarefas dentro do lugar onde vivo e meu vizinho também, assim como os demais. Tudo que fizermos será útil para todos, nem bom, nem ruim.

Harpes ficou em silêncio pensando na resposta. De alguma forma, Stephanopoulos surpreendeu o mestre, que fez o seguinte comentário:

- Stephanopoulos, não desejava os conduzir para este ponto... mas achei sábio. Seu pensamento é muito valioso para todos. Você poderia nos dizer mais a respeito?

O discípulo não se envaideceu com os elogios do mestre, mas de certa forma frustrou a todos, pois não tinha muito mais a dizer:

- Perdoe-me, mestre. Mas não possuo mais pensamentos. Na verdade, foi a primeira coisa que me veio, então falei. Não achei que fosse ser tão valiosa, como disse.

Harpes sorriu e respondeu a ele:

- Pense mais sobre isso... tens um bom pensamento.

O mestre precisou mudar o curso de sua aula, pois tocaria em outro tema, mas preferiu não o fazer devido à interferência de Stephanopoulos. Disse a todos:

- Se ao tropeçarmos no caminho, caímos e nos machucamos. Levantamos bravos e ofendendo aos deuses por terem permitido isso acontecer? Ou culpamos a nós mesmos por não termos visto o buraco no caminho? Diga-nos, Termes.

O jovem não sabia a resposta mas tentou:

- Não sei, mestre. Mas já aconteceu comigo... e esbravejei contra os deuses...

Todos riram, inclusive o mestre, que perguntou:

- Sabe o motivo? Por que esbravejastes contra os deuses?

Termes respondeu:

- Por ter um buraco e por não ter visto... E por ter caído por ter pisado nele.

Novamente, todos riram. Harpes perguntou:

- E acha que isto está certo? Acha que a culpa foi dos deuses ou foi apenas um momento seu, de distração, talvez?

Termes respondeu com segurança:

- Os deuses não tiveram culpa... eu tive...

Harpes, então, perguntou:

- Então, Termes, por que você acha que no primeiro instante culpou os deuses?

O jovem não sabia responder. Pensou, na esperança de dizer algo como das outras vezes, mas nada que julgassem bom o suficiente para ser dito lhe ocorreu, então disse ao mestre:

- Não saberia lhe responder.

Harpes estendeu a pergunta a todos:

- Alguém saberia dizer? Alguém deseja tentar responder?

Ninguém, nem Stephanopoulos, se arriscou. Harpes, então, disse a todos:

- No primeiro instante temos a ação de culpar alguém, não a nós mesmos. E como não havia ninguém a nos empurrar para o buraco, culpamos os deuses, que tem ação em tudo... Culpamos aqueles que não podem se defender... Retiramos de nós o peso da ação... Mas por quê? Por que não assumimos o que fizemos? Por que precisamos culpar alguém?

Harpes lembrou o que Stephanopoulos havia dito no início e aproveitou o pensamento:

- Será útil nosso gesto? Será que aquele outro que tem o trabalho de fechar o buraco ou não

deixar que ele se faça, permitindo que ele se abrisse, foi útil para aquele que caiu e se machucou? E se fizesse seu trabalho? Não teria buraco... Termes não teria caído e se machucado. A ação ou falta dela, de quem teria esse trabalho afetou Termes. Então... Termes não tem culpa alguma? Ou tem?

Harpes fez nova pausa e depois disse a todos:

- Pensem bastante nisso... amanhã continuamos.

Stephanopoulos estava com muitos pensamentos na cabeça, esperou todos saírem e disse a Harpes:

- Mestre, tenho muito em ideias... desejo compartilhar.

Mas o mestre foi enfático:

- Stephanopoulos, se tens pensamentos, creio que precise os trabalhar melhor. Vá para casa, pense e depois compartilhe.

O discípulo ouviu o que não desejava, mas entendeu. No entanto, perguntou ao mestre:

- Não desejo saber de suas tarefas, mestre, mas estás com pressa de ir a algum lugar? Pois está mais apressado que de costume.

Harpes respondeu sem melindres:

- Tenho um compromisso, sim. Nada de tão importante, mas não desejo me atrasar.

Stephanopoulos sorriu e os dois cordialmente se cumprimentaram. O discípulo pegou o caminho de casa, onde pretendia pensar mais a respeito de tudo que rondava sua mente. Mas no percurso, acabou por desenvolver alguns pontos que se pôs a escrever ao chegar:

“Tudo o que fazemos afeta alguém, em algum lugar, em algum momento. Mesmo tempos depois em lugares distantes. Isso é algo que considero como certeza, mas não sei a causa. O que sei, é que de alguma maneira, somos ligados. Um grupo único de pessoas que se relacionam. Neste grupo estão todos, homens, mulheres e crianças. E dentro deste grupo, existem vários outros, menores, que são formados pelos mesmos homens, mulheres e crianças, de acordo com suas capacidades, pensamentos e atitudes. Isso significa que, mesmo sendo todos de um único grupo, há distinções que permitem diferenças na inserção de alguém em determinado grupo. E cada grupo afeta o outro, como todos afetamos todos com nossas ações. O que penso é que se houvesse organização sobre isso, cada grupo poderia ser responsável por tarefas, conforme capacidades e vontades, e ajudaria o próximo grupo com seu trabalho, assim como outros grupos o ajudariam também. A ideia de organização de todos os grupos de um mesmo lugar é de auxílio mútuo, onde não há trabalho

excessivo para ninguém, pois a distribuição estará sujeita à quantidade de pessoas que formam o grupo. No caso do buraco onde Termes caiu, se houvesse um grupo que cuidasse destas coisas, o buraco não mais existiria e Termes não teria caído nele. Termes, se o buraco ainda existisse e caísse por ele, diria que não teria culpado os deuses e sim o grupo que não tapou o buraco, quando deveria. Mas isso não se trata de ter alguém para culpar e sim organizar e saber de quem é a tarefa. Mas também considero que os grupos não existiriam apenas para trabalho, pois as pessoas, muitas delas, não querem trabalhar agora, depois de organizado isso não mudaria. Mas elas se uniriam por vontades, mesmo a vontade de não trabalhar. Isso seria um grupo, o das pessoas sem vontade de trabalhar. E muitos outros grupos poderiam se formar. O certo é que cada grupo afetaria o outro com seu trabalho ou com a falta dele, e tudo isso afetaria o único grupo que contém todos os homens, mulheres e crianças. Talvez cada lugar, cada vilarejo, pudesse ter sua própria organização, o que ajudaria na facilidade de entendimento de todos. Pois o grupo maior seria o que contém todos que moram em tal lugar, portanto menor que o total de todos os homens, mulheres e crianças. Isso ajudaria também, pois todos pensariam igual, ou parecido, por morar em um mesmo lugar. Também acredito que hoje sou de uma forma, mas amanhã, se pensar e agir hoje, já estarei melhor, portanto diferente, sempre tendendo a caminhar para frente, em uma linha de progressos, melhorias. Por isso,

Harpes disse que amanhã poderei falar, isso significa que se pensar hoje e trabalhar bastante, posso melhorar de discípulo para mestre. E isso pode ser aplicado dentro de um grupo, onde cada qual, com suas aptidões e melhorias, podem ensinar e aplicar suas capacidades para o bem do grupo a qual pertencem, por consequência, a outros grupos, aos quais pertencem apenas por estarem vivo. E devemos prestar atenção a isso, não se pertence a um só grupo. Todos estamos ligados e incluídos no maior grupo, que contém todos os homens, mulheres e crianças”.

Stephanopoulos ficou feliz com o que escreveu. Saiu e foi caminhar para observar as pessoas.

Durante sua caminhada, encontrou um grupo de jovens que nada faziam. Ficavam encostados em paredes e sentados ao chão, conversando animadamente, possivelmente, sobre assuntos inúteis e considerados engraçados por eles, pois apenas faziam rir.

Mais à frente, encontrou outro grupo a conversar, mas de homens adultos de má aparência, com descuido nas roupas e no gestual. Também parecia que conversavam sobre assuntos fúteis. E da mesma forma, estavam encostados nas paredes.

Andou mais um pouco e viu três homens adultos. Estes não estavam encostados em nada. De pé, conversavam com expressão séria e

compenetrada. Tinham boa aparência e transpareciam seriedade e tratar de assuntos igualmente sérios e válidos.

Mais um pouco, viu um grupo de trabalhadores de pedras esculpindo um grande pedaço de rocha. Eram quatro homens e suas expressões denotavam grande dedicação ao que faziam.

Stephanopoulos parou e ficou pensando. Olhou as pessoas passando. Algumas com pressa, outras devagar. Outras se sentavam e conversavam. Outras trabalhavam. Mas todas se encaixavam em um único grupo, o de pessoas que moravam naquele lugar. Stephanopoulos começou a criar, em sua mente, novos grupos a partir deste grupo maior. Neste exercício mental, percebeu que era possível encaixar todos em algum grupo, mesmo aquelas pessoas que nada faziam podiam estar em um grupo. E que muitos grupos, mais do que se poderia imaginar inicialmente, podiam ser criados e acomodar muitas pessoas. E que era possível também criar grupos dentro de grupos, e que essa divisão era possível em alguns grupos, mas não em todos.

Depois de um longo tempo observando e realizando essas análises mentais, Stephanopoulos se perdeu em tantos grupos, mas chegou a uma conclusão que pareceu, a ele, ser fundamental. Na verdade já tinha chegado a ela, mas naquele momento, havia se consolidado. Tudo era uma

questão de organização. Era preciso organizar, pois sem isso, a vida beirava a desgraça, pois todos faziam o que desejavam. Isso era possível, afinal as pessoas sempre iriam continuar fazendo o que desejavam, pensava Stephanopoulos. Mas sabedoras de seus deveres, iriam priorizá-los, para depois cumprirem com seus desejos.

Stephanopoulos havia vislumbrado o conceito de organização social. Algo complexo. Mas não fazia ideia disso. Pensou em falar em público, mas sua timidez e medo de ser mal-recebido o impediram. Ao final, ele não tornou públicas suas ideias sobre isso, mas comentou com alguns. E isso fez seus pensamentos se espalharem e serem usados como sementes para o aprimoramento por outros pensadores. Ele não foi injustiçado. Ele apenas não divulgava o que pensava de forma a defender a autoria das ideias. Mas sem dúvida, foi um grande pensador e influenciou a base de muitos sistemas que ainda hoje transitam pelas sociedades contemporâneas.

Capítulo 4

No dia seguinte, Stephanopoulos retornou ao lugar onde recebia suas aulas. E lá estava o mestre já aguardando seus discípulos. Mas ainda estava sozinho, pois Stephanopoulos era o primeiro a chegar, sendo prontamente saudado de maneira cordial por Harpes:

- Stephanopoulos! Brinde-nos com sua presença!

O discípulo sorriu e respondeu:

- O mestre tem uma forma peculiar de realizar as saudações!

Mas após este comentário, o discípulo cumprimentou o mestre, que perguntou:

- Pensou em suas ideias?

Stephanopoulos respondeu:

- Sim, creio que foram bastante à frente...

Harpe percebeu a voz de Stephanopoulos um tanto embargada ao responder, portanto, perguntou:

- O que foi, Stephanopoulos? Tens algo a mais a compartilhar?

O discípulo disse em tom melancólico:

- Pensei em falar minhas ideias ao povo...

Harpes reagiu bem:

- Isso é bom. Por que não está contente com isso?

O discípulo respondeu:

- Não posso, mestre. Não consigo falar ao povo. E tenho medo de que me reprovem. Tenho medo de não conseguir nada dizer.

O mestre respondeu:

- Stephanopoulos... seria bom que falasse, mas não há problemas em não falar. Suas ideias serão ouvidas se você as disser a alguns poucos, em particular, como faz a mim... e poderão ter a atenção devida.

- Mas o correto é falar ao povo - Stephanopoulos concluiu.

Harpes argumentou:

- O que é o correto, Stephanopoulos? Faça o que está dentro de seu alcance. Faça o que é capaz de fazer. Se mesmo tentando não conseguir ir mais à

frente, faça apenas o que consegue. Não há problemas nisso.

Ficaram em silêncio por alguns segundos e Harpes perguntou:

- Mas se diz que deseja falar ao povo e não consegue e isto lhe aborrece, é porque seu desejo é grande de falar. Posso perguntar o motivo, filho?

Stephanopoulos olhou para o mestre e disse após alguns segundos de hesitação:

- Queria que soubessem de minhas ideias. Queria que soubessem quem sou e me ouvissem e que minhas ideias ganhassem lugar em nossas vidas.

Harpes estava pronto para responder, mas Stephanopoulos fez outra intervenção:

- Isso é errado? É errado querer isso?

Harpes sorriu e logo respondeu:

- Os deuses te reprovam por isso? – Disse de forma irônica.

O discípulo riu e Harpes continuou:

- Desejar que suas ideias ganhem força e lugar na vida das pessoas não é errado. E o que é errado?

Entendo que desejar algo que não irá ferir ninguém, nem tomar nada de ninguém, não pode ser errado. Mas, Stephanopoulos, nós temos as ideias e elas seguem seus caminhos depois. O importante não é que todos saibam que nós as tivemos, o importante é que elas cumpram com seus deveres. As pessoas saberem ou não quem as teve não é importante para aquele que pensa. Pensar é importante para o verdadeiro homem que pensa. A glória, deixe para outros.

Stephanopoulos ficou em silêncio e Harpes prosseguiu:

- Não é necessário falar ao povo para que saibam suas ideias. Faça como disse, se não estiver à vontade para falar a todos, fale com alguns em particular. Se forem boas, algum dia suas ideias seguirão seus caminhos. Não se importa se saberão serem suas ou não.

Stephanopoulos sorriu e respondeu:

- Obrigado, mestre.

Os jovens já se aproximavam para a aula do dia. Harpes e Stephanopoulos olharam-se de forma fraternal e o discípulo tomou seu lugar. A aula iria começar.

Harpes olhou com atenção para seus discípulos e se deteve assim por alguns segundos. Após fitá-

los, o mestre iniciou com uma pergunta curta, porém de difícil resposta:

- O que é culpa?

Ninguém conseguia responder. Todos permaneceram em silêncio. Harpes, então, continuou:

- Ontem falamos sobre tarefas, sobre buracos, sobre tapar buracos, sobre culpa ao cair em buracos. Seria de quem não tapou o buraco e tinha essa tarefa ou seria de quem não foi atento e caiu no buraco? Essa, sem dúvida, é uma excelente discussão. Mas primeiro é preciso saber sobre o que estamos falando. O que é culpa? Ninguém quer tentar? Ninguém deseja compartilhar o que pensa? Ninguém tem alguma ideia sobre isso?

Ao ver que ninguém se habilitou, Harpes chamou um dos alunos para o debate:

- Termes, por gentileza, diga-nos o que pensa sobre o que é culpa.

O jovem ficou assustado, pois não sabia o que dizer. Mas tentou explicar:

- Creio, mestre, que culpa seja algo que sentimos depois de termos feito uma tarefa de que nos arrependemos.

Harpes sorriu e respondeu:

- Muito bom! Obrigado, Termes! Não é difícil, basta pensar! Mas Termes falou em algo específico. Uma tarefa da qual nos arrependemos... o que é o arrependimento?

Termes tentou responder:

- É sentir culpa? – Perguntou.

Harpes completou:

- Sentir culpa, mas não poder mudar o que passou. Pode-se corrigir, pode-se agir depois e consertar, até por completo, o que se fez, mas aquela ação que causou culpa e arrependimento não pode ser alterada. Compreendem? Você pode praticar uma ação que lhe causa culpa e se sentir arrependido. Aquela ação não pode mais ser alterada, pois não a podemos viver novamente. Mas podemos ter, depois, novas ações corretivas. Em alguns casos, isso é possível. Isso significa que se você praticou uma ação, sentiu culpa e arrependimento, você é... responsável pela ação... e sendo assim, pode ser cobrado por ela... isso é certo? Existe a responsabilidade quando se tem culpa por algo? Existe? Pergunto a vocês.

Todos, sem exceção, responderam prontamente que Harpes estava certo. O mestre, então, perguntou:

- Quando se tem culpa, portanto, se tem responsabilidade... significa que se eu cair no buraco, a responsabilidade é minha ou de quem não o tapou?

Stephanopoulos respondeu:

- De quem sentir culpa.

Harpes comentou:

- Então se os dois sentirem culpa os dois terão responsabilidade? E se não sentir culpa, não tenho responsabilidade? Não poderia ser responsabilizado apenas porque não sinto culpa? Não, Stephanopoulos, não funciona assim, nesse caso. Nessa direção, a culpa é determinada por quem olha o caso de fora e pode dizer se a culpa é de quem caiu ou de quem não tapou o buraco. A culpa, portanto, além de sentida pelo próprio, pode ser determinada por outra pessoa que tenha a autoridade para isso.

Stephanopoulos pediu:

- Então, mestre, diga-nos de quem é a responsabilidade e a culpa, neste caso.

- Diria que os dois tem responsabilidades. Se era tarefa de um tapar o buraco e não o fez, se alguém cair ali, ele tem responsabilidade sobre isso. Mas quem caiu também tem responsabilidade porque

não prestou atenção por onde caminhava. Os dois podem se culpar, podem sentir culpa. Podem. Mas podem querer culpar um ao outro, buscando retirar toda responsabilidade de si. É preciso assumir nossas responsabilidades, sempre, culpados ou não. Mas, independente disso, a culpa ou o culpado, pode ser determinado por outro que tenha autoridade para isso. Se a culpa for de quem caiu, o lesado, a vítima, é apenas ele, ou seja, não causou dano a ninguém. Não tem, portanto, consequências maiores para ele. Mas se a culpa for de quem não tapou o buraco, este causou dano a outro e sua responsabilidade é maior, podendo provocar uma consequência igualmente maior.

Todos ficaram em silêncio. Harpes disse:

- Culpa, arrependimento, responsabilidade... é preciso que pensem sobre isso... vejo que não está claro a vocês, mas não posso ficar apenas falando, vocês precisam pensar. Pensem sobre isso e amanhã conversamos novamente.

Os jovens foram saindo, pouco a pouco, um tanto desanimados, pois a aula havia sido dura para eles porque não haviam compreendido completamente.

Stephanopoulos se aproximou de Harpes e disse ao mestre:

- Foi excelente, mestre. Aprendi bastante e creio que muitos pensamentos virão.

Harpes respondeu sorrindo:

- Que bom, Stephanopoulos! Também fico feliz!

Assim, Stephanopoulos retornou para sua casa com vários pensamentos e na expectativa de escrever sobre eles.

Ao chegar, não perdeu tempo e passou a escrever:

“Hoje tive contato com culpa, arrependimento, responsabilidade. E o mais difícil nesse contato é entender o que são estas coisas. Quanto mais se pensa, mais difícil se torna, pois não são simples, estas coisas. No entanto, diria que é possível não sentir culpa e ser responsabilizado por alguma ação. Chamaria isso de ausência de responsabilidade sobre si e sobre os outros, pois é preciso saber assumir suas culpas e responsabilidades perante si e perante os outros. Se não o faz, pode comprometer todas as tarefas. É possível sentir culpa e não ser responsabilizado por outro, mas assumir uma responsabilidade consigo mesmo. Creio que isso seja raro, digo, baseado em observações que faço das pessoas com quem convivo. A ligação que existe entre culpa e responsabilidade é estreita, mas não se pode ver com facilidade. Por isso que as pessoas sentem

dificuldade em saber quando precisam assumir suas responsabilidades. E por saberem que precisam assumir as responsabilidades e as consequências destas, não raro, evitam enxergar suas culpas tentando as transferir para outros, para que estes assumam as responsabilidades que eram suas e arquem com as consequências, também suas. Esta transferência de responsabilidade, além de ser falta dela, também é ação desequilibradora de um lugar. Também é falta de coragem em assumir as consequências ou apenas incapacidade de perceber seus próprios erros. Seja porque não deseja ver a verdade ou seja porque realmente não se percebe errado, por se acreditar bom demais para cometer erros.

Diria que assumir sua culpa é gesto que pode aproximar o homem do deus único, por tantos motivos que não saberia descrevê-los, mas sinto ser um caminho de acesso. Assumir sua culpa, assumir sua responsabilidade e arcar com consequências que são suas, tudo isto pode aproximar o homem do deus único. E o que dizer do homem que assume a culpa, a responsabilidade e arca com as consequências que não são suas, são de outro? Se assumir o que é seu lhe aproxima do deus único, assumir o que é de outro lhe aproxima ainda mais? Creio que sim, mas não apenas o aproxima mais, isso seria pouco, a meu ver. Há de existir uma recompensa maior, desde que o homem não pratique a ação com objetivo de receber tal recompensa, ou seja, faça a ação de assumir o que não é seu apenas para ajudar outro, que não tenha

condições de assumir suas próprias culpas, responsabilidades e arcar com as consequências. Isso seria devoção? Qual seria o nome disto? Entrega de sua vida ao outro? Sem esperar nada, apenas para fazer o bem? Existirá homem assim? Em algum lugar, além desses mares e terras distantes, haverá homem assim? Se não há, creio que algum dia existirá. E se existir, estará tão próximo do deus único que poderá ser confundido com ele próprio.

Quanto mais escrevo, mais ideias e pensamentos tenho. Quero entender. Se assumir culpas, responsabilidades e arcar com consequências que não são suas aproxima o homem do deus único, desde que tenha praticado a ação sem outro interesse que não a ajuda sincera, um homem que tenha isto em si, essa vontade, essa capacidade, mesmo que ainda não tenha praticado tal ação, já estará a meu ver tão próximo do deus único que poderá ser como ele ou confundido com ele, pois todos os melhores atributos lhe pertencem. E se este homem ainda não praticou a ação de assumir o que não é seu apenas por devoção, é porque não teve a chance, mas fará ao tê-la. E se este homem ainda não existe, existirá. Pois será uma forma do deus único nos mostrar, nos dizer que é possível, nos dar a chance de ver o caminho. Este homem, a meu ver, será o caminho. O caminho até o deus único. Ou um dos caminhos. Realmente não sei, por ora, se esgotam meus pensamentos”.

No dia seguinte, Stephanopoulos retornou ao local das aulas com Harpes. Ao chegar, cedo como sempre, ainda não havia outros discípulos, então cumprimentou Harpes, que já se encontrava no local:

- Saudações, Harpes, estimado mestre.

Harpes sorriu e respondeu:

- Saudações, Stephanopoulos.

O discípulo logo tratou de colocar um tema em discussão:

- Mestre, pensava eu, e fui conduzido por meus pensamentos a entender que um homem pode assumir uma culpa que não é dele, e sim de outro, mas sem interesse qualquer, apenas por pura boa intenção e sinceridade de propósito. Seria isto realmente possível?

Harpes sorriu timidamente, como fazem mestres que percebem que o discípulo chegou ao ponto que desejavam e respondeu:

- O que você realmente crê?

Stephanopoulos fez expressão de dúvida, mas respondeu sem indecisão:

- Creio que possa ser possível.

O mestre indagou:

- Vê alguém fazendo isso?

- Não, mestre, não vejo ninguém, ao menos, não na presença de outros – Stephanopoulos respondeu.

Harpes perguntou:

- Se não vê algo... isso significa que não existe?

O discípulo respondeu:

- Não, mestre, ao contrário, creio que muito existe e não vemos.

- Então crê que existam homens que assumam culpas que não são suas apenas para ajudar, com sinceridade em suas ações, mas em segredo, sem que os outros homens vejam? Fora das vistas de todos os outros homens? – O mestre perguntou.

Stephanopoulos respondeu:

- Creio, mesmo sendo difícil de crer. Quero dizer que é possível que existam homens assim, que tenham tais atitudes em segredo. Mas somente em pensar na existência de homens assim, me surge a repulsa nesta ideia.

O mestre sorriu e disse:

- Stephanopoulos, você está trancado em seus pensamentos. Isso não é bom para quem pensa, como nós. Abra os portões das ideias, esteja em um campo fértil para o que for. Entenda que o simples fato desses homens agirem em segredo fora de nossas vistas, já os tornam reais... comprehende?

O discípulo teve muitas dúvidas. Não sabia o que dizer por não ter compreendido a explicação de Harpes, que por isso, continuou:

- Stephanopoulos, para tudo o que existe, para tudo o que vemos, existe algo igual mas que não vemos. Vê aquela árvore? – Apontou para o lado – Você a vê. Eu a vejo. Ela existe, certo? Mas digo a você, que em algum lugar, aquela mesma árvore existe de outra forma e nós não a vemos. Para cada grama que vemos, existe uma grama que não vemos. Isso são os iguais. Mas há os diferentes. Essa mesma árvore... para ela, em outro lugar, existe a cópia inversa dela, de cabeça para baixo, com as cores invertidas. Isso significa que para homens covardes incapazes de assumir suas próprias culpas, existem em algum lugar, pela ideia de inverso, homens corajosos capazes de assumir culpas que não são suas, apenas por boa intenção, com sinceridade.

Stephanopoulos permaneceu em silêncio. Harpes continuou:

- Mas ainda existe outra forma mais simples. Se esses homens agem em segredo, nós não vemos, com isso não temos como saber. Isso significa que ao mesmo tempo... esses homens existem e não existem... pois a chance de existirem é a mesma de não existirem... porque não os vemos. Apenas se vermos, poderemos saber com certeza se praticam tais ações ou não. E com isso, a outra chance morre para sempre e apenas a realidade permanece. Se não fazem, a chance de fazerem morre. Se fazem, a chance de não fazerem morre.

O discípulo não tinha palavras. O mestre continuou:

- Isso apenas significa que enquanto este homem não aparecer, ou estes homens não aparecerem, eles existirão em algum lugar e poderão, a qualquer instante, passar a existir aqui, na nossa realidade, basta que alguém os veja pela primeira vez. O nome disso é esperança.

Stephanopoulos apenas disse:

- Começo a entender... mas não sei ao certo tudo o que disse...

Os jovens alunos começaram a chegar e Harpes e Stephanopoulos precisaram interromper a discussão, pois a aula se iniciaria.

Harpes iniciou a aula com lembretes:

- Creio que todos se recordam que concordamos em continuar falando hoje sobre culpa, arrependimento e responsabilidades. Alguém tem algum pensamento que deseje compartilhar conosco? Com seus amigos?

Um dos alunos levantou seu braço. Harpes apenas fez sinal com a mão indicando que ele poderia se expressar. Então o aluno disse:

- Eu apenas posso me arrepender de algo que sinto culpa. Se fiz algo mal para as vistas de outros mas bom para mim, não posso me arrepender, pois estou feliz com o que fiz. Isso me conduziu a outro pensamento, porque esta ação para mim é boa e para todos é má. Por que penso assim, se vivo no mesmo lugar, com as mesmas pessoas? Isso é possível, mestre?

Harpes respondeu:

- Sim, é possível. Pode ser que este homem saiba ser má, sua ação, mas naquele instante, mesmo uma ação má serviu a seus propósitos e ele ficou feliz. Então pergunto a vocês, pode um homem sentir culpa por ter cometido uma ação má, sabendo que era má, apenas para satisfazer seus propósitos?

O aluno respondeu:

- Sim, mestre, creio ser possível.

Harpes continuou:

- Se é possível, ele deixa de crer que a ação é má e passa a considerar boa, apenas para ele?

Dúvida entre os alunos. Alguns disseram sim, outros, não. Diante da situação, Harpes esclareceu:

- Isso, meus jovens, seria uma quebra nos pensamentos que o guiam. Estaria contrário a tudo que o conjunto das pessoas do local pensa. E ele estaria isolado por cometer uma ação má e justificar sua má intenção com ela. Estaria às margens do conjunto de pessoas do local. Mas pergunto a vocês... Pode este homem vir a se arrepender tempos depois desta mesma ação que em seu início não lhe causou culpa? É possível se arrepender sem culpa?

Stephanopoulos respondeu:

- Não creio ser possível se arrepender sem culpa. Se ele se arrepende é porque sente culpa, mesmo tardia.

Harpes se dirigiu aos jovens:

- Alguém não concorda com Stephanopoulos?

Todos ficaram em silêncio. Harpes se pronunciou:

- Sim, é possível se arrepender sem culpa. Lembrem que este homem sabia que a ação era má e apenas a cometeu por propósitos próprios, isto significa que ele sabe do mal que possa ter causado. Não sente culpa mas deseja reparar o erro, apenas por saber que agiu errado. Isso é raro, pois geralmente a culpa atormenta o homem. Mas é possível se arrepender sem sentir culpa apenas para reparar o erro, por saber previamente que havia errado ou ter descoberto isso depois.

Os alunos estavam intrigados, assim como Stephanopoulos. Como poderia alguém se arrepender sem sentir culpa? Diante do cenário silencioso, Harpes prosseguiu a explicação:

- Lembram que disse que a culpa é algo que se sente? Não se esqueçam disso. Ele pode se arrepender do que fez e querer reparar sem ser obrigado a se culpar pelo que fez. Porque, para ele, fez por um bom motivo próprio, onde possa ter quebrado com a aceitação dos outros, mas justificado por suas próprias convicções. Este homem apenas não se culpa, mas sabe que agiu mal e quer reparar. Arrepende-se de ter agido mal, mas não se culpa por ter agido de tal forma, porque, para ele, há uma boa justificativa, mesmo que apenas para ele. Entenderam?

Alguns jovens começavam a entender, enquanto outros ainda tinham dificuldade. Stephanopoulos

entendeu, mas permaneceu em silêncio. Harpes disse:

- A culpa pode vir sozinha. O arrependimento também. Mas as responsabilidades seguem todas as ações, boas ou más. Somos responsáveis até pelo bem que fazemos. Isso seria culpa? Se fazemos um bem somos culpados por isso?

Stephanopoulos respondeu:

- Creio que culpa esteja ligada a algo de mal, não de bom.

Harpes respondeu:

- Sim, Stephanopoulos. Mas comumente se diz que alguém teve culpa por algo bom. Não acho correto. Prefiro dizer que tal homem é responsável por tudo aquilo. Uma boa responsabilidade. Se fosse algo ruim, seria uma má responsabilidade.

Harpes fez uma pausa e continuou:

- Mas a responsabilidade sempre está acompanhada de ações que podem trazer culpa e arrependimento ou não. Pensem mais sobre responsabilidade. Falaremos amanhã sobre isso.

Assim os jovens se despediram da mesma forma que Stephanopoulos fez com Harpes. O filósofo iria para sua casa tentar escrever alguns pensamentos.

Stephanopoulos chegou em casa e se colocou a escrever alguns pensamentos:

“Pode um homem se arrepender de algo que tenha feito sem sentir culpa por isso? Foi-me dito que sim, é possível. Embora tenha aceitado a explicação, não consigo ter o entendimento correto. Não me é claro como isto pode se dar. De toda forma, culpa e arrependimentos estão juntas, intimamente, e são grandes males se forem tratadas de maneira errada, se a culpa não for assumida ou se não existir arrependimento. Pode, inclusive, um homem se arrepender de algo correto e justo que possa ter feito, neste ponto, estaria ele voltando atrás no acerto e se pondo a errar. De toda maneira, creio que a melhor forma de assumir culpa é por outrem: como dissemos, um homem capaz de sentir amor e acolher a culpa de outros, sem esperar nada em troca. Este assunto é o que mais me prende os pensamentos. Desejava falar mais sobre este homem, que ainda não existe aqui, ao menos, nunca se teve notícia, mas como meu mestre disse, se não existe aqui, existe em algum lugar. E existindo aqui ou em outro lugar, gostaria de pensar mais sobre este homem ou sobre esta raça de homens puros. Deixarei a culpa e o arrependimento para trás. Já falei sobre eles o que tinha em pensamento. Mas sobre esta raça, ainda não. Desejo pensar mais e escrever depois”.

No dia seguinte, Stephanopoulos retornou ao local das aulas e Harpes, como sempre, estava

sozinho no local. Após as saudações cordiais, o discípulo disse ao mestre:

- Mestre, é possível haver uma raça de homens puros que ainda não existam aqui, conosco, mas que existam em algum outro lugar, em um mundo perfeito?

Harpes gostou da pergunta de Stephanopoulos, sorriu e olhou bem fundo para ele antes de responder:

- O que você sente... o que você pensa, Stephanopoulos, sobre isso?

O discípulo respondeu:

- Penso que sim. Pensando sobre culpa, cheguei a um homem, como dissemos antes, que ama tanto os demais que é capaz de assumir culpas que não são dele apenas para ajudar, sem esperar nada em troca. E não vejo este homem conosco. Então pensei que se esse homem existe em algum lugar, devem existir outros como ele, uma raça perfeita.

Harpes disse ao discípulo:

- Já falamos sobre isso...

Mas Stephanopoulos insistiu:

- Eu sei, mestre. Mas isso não passa em mim. Continua. Pretendo entender, pensar mais sobre isso. Diga-me, mestre... crê realmente que seja possível haver tal raça pura?

Harpes sorriu e disse:

- Nossa raça é impura, isso significa que há outra pura em algum lugar, esperando sua vez de viver aqui. Junto conosco ou não. Creio que exista, sim, mas que isso não deve lhe preocupar tanto.

- Não me preocupo, apenas quero saber mais sobre isso. Como pode ter explicação, alguém ser tão puro que se entregue ao mal apenas pelo bem de outros, sem esperar nada em troca, apenas por amor? – O discípulo continuava perdido em seus pensamentos.

Harpes tentava o acalmar:

- Filho, tenha paciência. Desta forma você se distancia do pensamento equilibrado. Entenda que é preciso olhar sem se envolver para pensar bem.

Stephanopoulos parou por alguns instantes e depois disse ao mestre:

- Sim, entendo. Mas acredito que simplifique o pensamento. Não pensarei na raça, mas em um homem que represente esta raça. Um homem puro, capaz de amar acima de nosso entendimento. Um

homem, como quero acreditar, viverá entre nós e nos ensinará sobre este amor, que ainda não entendemos, mas sabemos que existe, ao menos, em nossos pensamentos.

Harpes sorriu satisfeito e respondeu:

- Sim, Stephanopoulos, assim está bom.

Mas o discípulo insistiu:

- Crê, mestre, que este homem venha a existir entre nós?

O mestre se abriu um pouco mais:

- Não sei se este homem virá para viver entre nós, mas acredito que ainda há muito sobre sua pureza que não sabemos. E mais sobre o lugar de onde vem, onde moram esses homens puros. Há muito que precisamos saber e não sabemos. Há muito em que pensar. Vindo este homem ou não.

Stephanopoulos ficou em silêncio refletindo sobre o que Harpes lhe disse. Havia entendido a mensagem. Estava resolvido a pensar mais sobre as ações e condições deste homem e de tudo que lhe envolve, ao invés de pensar diretamente nele, mesmo a dissociação sendo impossibilitada.

Neste momento, os jovens chegaram e Harpes iria iniciar sua aula. Após todas as cordiais saudações, o mestre iniciou com uma pergunta:

- Todos foram responsáveis e pensaram bastante sobre o que falaríamos hoje?

Todos riram e responderam que sim. Harpes continuou:

- Muito bom! Então alguém me diga o que é ser responsável.

Rapidamente as feições de alegria e sorrisos se alteraram para expressões que denotam dificuldade em responder.

Harpes insistiu:

- Ninguém sabe? Como puderam me responder que foram responsáveis se não sabem o que é ser responsável? Não acredito, alguém precisa saber! Vamos, não fiquem envergonhados! Alguém me diga!

Enquanto Harpes tentava animar seus discípulos, um deles levantou o braço e disse, antes mesmo de ser autorizado:

- É fazer o que precisa ser feito, o que sabe que precisa ser feito.

Harpes sorriu e perguntou aos demais:

- Todos concordam?

Ninguém se atreveu a se pronunciar. Harpes comentou:

- Estão todos muito retraídos hoje! Vamos, animem-se! O que houve com vocês!

Apesar do tom animado e brincalhão de Harpes, nenhum aluno esboçou dizer nada. O mestre, então, prosseguiu:

- Fazer o que precisa ser feito... o que sabe que precisa ser feito...

Harbes repetia as palavras tentando pensar a respeito. Então disse:

- Se fazer o que precisa ser feito é assumir seus próprios atos ou de outros, sim, está certo.

Stephanopoulos indagou:

- Então, mestre, responsabilidade é assumir seus atos ou de outros?

Harbes respondeu:

- Sim, Stephanopoulos.

O discípulo ficou pensativo, mas não disse nada além. Harpes continuou:

- Podemos dizer que alguém é responsável quando assume seus atos e arca com as consequências disto. Vocês disseram que foram responsáveis e pensaram a respeito do conceito de responsabilidade, como pedi. Portanto, dentro do que entendemos como responsabilidade, por que vocês foram responsáveis?

Ninguém se animou a responder. Harpes não esperou mais e escolheu um jovem. Apontou com o dedo indicador e disse:

- Meu jovem, responda para nós.

O jovem, apesar do visível incômodo, tentou responder:

- Creio que assumimos nossos atos...

Harpes perguntou:

- Assumiram seus atos... quais atos?

O jovem não sabia responder. Harpes não insistiu e ele mesmo respondeu:

- Vocês concordaram em pensar. Isso é um ato. O ato de concordar trouxe a responsabilidade em pensar, sob consequência de não conseguirem

participar bem da conversa. Entendo, com isso, que não pensaram tanto quanto poderiam e não foram responsáveis, pois não honraram seus atos e sofrem as consequências agora não conseguindo participar.

Todos emudeceram e muitos abaixaram as cabeças. Harpes continuou:

- Basta agora ver se alguém assume o que fez. Não apenas dizendo que irá assumir, mas se de fato assuma e cumpra com a palavra. Isso é honra.

Stephanopoulos ficou curioso:

- Honra?

Harpes perguntou:

- Nunca ouviu falar?

- Sim, mas não saberia dizer nada sobre.

O mestre prosseguiu:

- Honra é quando se cumpre com a palavra, com o prometido. Quando se assume responsabilidades. Ter honra é se ter virtude. Um homem honrado é um homem digno, de palavra e cumpridor de suas responsabilidades. Aqui, pretendo dar a vocês mais que palavras... pretendo dar honra. Não quero que saiam daqui apenas conhecedores de muitas coisas. Quero que saiam daqui como homens honrados,

dignos, virtuosos e responsáveis. Quero que entendam e vivam o que sabem. Não quero que apenas saibam. Pois aquele que apenas sabe, tudo sabe mas nada sabe, pois que nada faz, apenas assiste e julga. Aquele que faz, acerta, erra, cria, movimenta, ri e chora. Conserta e assume. Aquele que faz, vive. Aquele que apenas sabe, sabe que vive, mas não vive o saber.

Faz uma pequena pausa e continuou:

- Quero que vivam o que sabem. Não guardem o que sabem em vocês, sem usar. Isso é morrer ainda vivo. Não digam o que não fizeram, isso é mentir. Não tentem que acreditem que fizeram o que não fizeram, isso é enganar. Experimentem. Experimentem a vida, cheia de perigos, de erros e acertos, mas repleta de coisas que nos melhoraram... vivam o saber.

Harpes se calou e virou de costas. Todos souberam que a aula havia terminado. A maioria dos jovens apenas retirou-se em silêncio, enquanto alguns procuraram o mestre e se despediram. Outros tentavam justificar, explicar, mas Harpes, sorrindo, dizia não ser necessário.

Após todo constrangimento, Stephanopoulos se despediu do mestre mas antes de ir, disse a ele:

- Entendi muitas coisas hoje, mestre. Obrigado.

Harpes apenas sorriu.

Stephanopoulos voltou para sua casa. Queria escrever mas sentia dificuldade em iniciar. Tinham vários pensamentos a respeito das possíveis virtudes do homem puro, como ele nomeou o homem que, de tão bom, era capaz de assumir a culpa de outros sem querer nada em troca. Tinham vários pensamentos sobre responsabilidade e sobre culpa. Mas tudo o que tinha estava espalhado em pensamentos desconexos. Ele não conseguia encontrar uma linha de raciocínio. Depois de várias horas tentando, em vão, redigir, Stephanopoulos desistiu e resolveu caminhar um pouco.

Foi até à praça central. E lá havia um homem que falava e vários outros que ouviam. A praça estava cheia de gente que atentamente ouvia a tudo que o homem dizia. Stephanopoulos chegou o mais perto que pode, devido à quantidade de pessoas. Mas foi o suficiente para ouvir algumas palavras. Já no final de seu discurso, o homem dizia:

- Portanto, a alma vive dentro de nós mas não a vemos. A alma não morre conosco. Ela permanece viva e nós continuamos, assim, vivos com a alma. A alma é, portanto, o que nos permite viver além da morte. E nos foi dada e não pode nos ser retirada. Se atentem à alma.

O homem terminou seu discurso e começou a se retirar. Stephanopoulos estava tão pasmo que não

conseguiu prestar atenção e saber se o povo aplaudia ou não. Estava atônito. Mas após alguns segundos de paralisação, tentou ir atrás do homem que havia falado no intuito de receber mais informações. Mas eram muitas pessoas na praça e o homem já havia rapidamente se retirado junto com outros. Stephanopoulos ainda podia o ver indo embora, escoltado por seus amigos, mas não conseguia chegar mais perto. Com tristeza, viu o homem que discursou ir embora sem conseguir se aproximar e falar com ele.

Mas o que ouviu foi suficiente para ligar seus pensamentos. Não apenas sobre o homem puro, mas também sobre coisas relativas à vida e à morte. A permanência ou cessação de tudo. O nome dessa ligação era alma. Agora ele sabia e tudo ficava claro. Voltou para sua casa. Iria escrever.

Stephanopoulos começou:

“Alma. Isto que procurava mesmo sem saber. Havia algo em meus pensamentos que não se encaixava. Todos os meus pensamentos sobre estas coisas não estavam em união. Eu procurava o motivo. Não sabia o que era. Isso dificultava encontrar. Mas agora sei. Chama-se alma.

Alma é o que todos temos e ninguém pode ver. Alma é o que vive em nós, sendo parte de nós e não morre jamais, mesmo quando nós morremos. Na verdade, não morremos. Deixamos de viver da forma como conhecemos e passamos a viver de

outra forma, através da alma, que sobrevive a isso, que nunca morre, que sempre vive”.

Stephanopoulos estava satisfeito, porém cansado. Não conseguiu escrever nem mais uma linha e sentiu um sono enorme. Seus olhos fecharam e adormeceu mesmo sentado. Imediatamente se viu em outro lugar.

Capítulo 5

Após adormecer, Stephanopoulos se viu em um local de vegetação rasteira, com muita luz e emanando paz. Esse era seu sonho. Mas não estava sozinho. Ao virar-se para o lado, percebeu a presença de alguém que não sabia quem era mas lhe passava a impressão de ser um amigo, pois que não sentia medo, ao contrário, a sensação era boa, de conforto e segurança. Stephanopoulos olhou para este homem, sorriu e disse:

- Caro amigo! Novamente!

O amigo, muito sorridente, respondeu:

- Sim, Stephanopoulos, novamente!

O filósofo perguntou ainda mais:

- Não me lembro de outras vezes recentes que aqui vim. Creio que faz algum tempo que não o visite, meu amigo.

O amigo respondeu:

- Faz, de fato, algum tempo que não me visita, mas temos estado juntos em muitas situações enquanto você está em vigília, por isso não guarda forte recordação.

Stephanopoulos sorriu e disse:

- Isso é muito bom. Mas qual o motivo desta inesperada e salutar visita?

Eis que o amigo espiritual respondeu:

- Stephanopoulos, você começou a capturar coisas muito importantes. Agora, você está tendo os melhores pensamentos. Você precisa manter suas ideias na alma, nos homens puros, na morada dos homens que não vivem mais, nessas coisas, para que cresça como alma, para que possa vir a ser mais sadio para si mesmo.

Stephanopoulos fazia expressão compenetrada. Estava ouvindo. O amigo espiritual continuou:

- Lhe trouxe aqui para que percebesse a importância destas coisas, de tudo isso, de pensar na alma. E para lhe dizer que não pare e para que saiba de mais uma coisa...

Stephanopoulos aguardou a revelação. O amigo espiritual sorriu fazendo uma pausa e prosseguiu com bastante calma:

- A alma não muda mas fica melhor a cada ação boa, a cada pensamento bom, a cada correção de ato, a cada vez que agradecemos, a cada vez que olhamos as outras pessoas próximas a nós com afeto, respeito e humildade. Assim a alma melhora e nos leva mais próximos ao Deus único.

Stephanopoulos ouviu tudo com bastante atenção. Estava feliz em receber aquelas informações. Mas, aproveitando a oportunidade, perguntou:

- E sobre os homens puros? Eles existem e ainda não estão entre nós? Existirão entre nós? É possível falar um pouco sobre eles?

O amigo espiritual reagiu com um sorriso e um comentário:

- Stephanopoulos, mantenha essa curiosidade e conseguirá estas respostas. No momento é o que posso te dizer.

Stephanopoulos comentou em seguida:

- Tinha a impressão de que me diria algo parecido. Mas estou feliz de qualquer modo, pois aqui voltei, o revi e recebi as notícias boas. Obrigado!

O amigo disse em seguida:

- Isso, Stephanopoulos, agradeça sempre!

Com estas palavras, o amigo espiritual foi desaparecendo e Stephanopoulos acordando aos poucos em sua casa. Ao despertar completamente, parou, olhou o nada e disse a si mesmo:

- Não me lembro direito, mas acho que tive um sonho bom... o que era mesmo?

As informações não estavam ainda no nível consciente da mente do filósofo, mas certamente estavam arquivadas no nível inconsciente. E desta forma, em algum momento, de alguma maneira, iriam emergir para a consciência estimuladas por conversas, leituras, ideias ou apenas algo que ouviu de alguém, ou até mesmo, aparentemente sem estímulo algum. Stephanopoulos não lembraria do sonho em estado de vigília, mas sua alma guardava rigorosamente todas as informações e as usaria de acordo com a necessidade e com sua evolução.

No dia seguinte, Stephanopoulos retornou ao local das aulas. Como de habitual, Harpes já estava aguardando a todos. Após as cordiais saudações, o discípulo perguntou:

- Mestre, e sobre alma... o que pode me dizer?

Harpes olhou sorrindo para Stephanopoulos e perguntou:

- O que você sabe? Onde ouviu?

Stephanopoulos respondeu:

- Um homem falava sobre a alma e ouvi um pouco... creio que alma seja algo que todos temos mas não vemos, que vive em nós e continua vivo

depois que morrermos. Por ela, permanecemos vivos mesmo após nossas mortes. É o que sei.

Harpes sorriu de forma enigmática e perguntou ao discípulo:

- E como temos a alma? Quem nos dá isto de tão importante?

Stephanopoulos ficou em silêncio, pensativo, buscando uma resposta para as perguntas. Mas ao se estender o silêncio, Harpes continuou:

- Stephanopoulos... quem nos dá a vida?

- O deus único? – O discípulo respondeu sem segurança.

- O deus único – Harpes afirmou.

O mestre guardou silêncio esperando os complementos de Stephanopoulos, que disse:

- Então... o deus único nos dá a alma também!

Harpes sorriu e perguntou:

- O que é a vida, Stephanopoulos?

- A vida? – O discípulo perguntava curioso.

- Sim, a vida... o que é? – O mestre insistiu na pergunta.

Stephanopoulos pensou e demorou um pouco, mas tentou responder:

- É tudo o que somos e fazemos.

Harpes comentou:

- Se você está certo, se a vida é tudo o que somos, e somos alma, sendo assim, a alma também é vida. E se o deus único nos dá a vida, logo nos dá a alma.

Stephanopoulos ficou pensativo. Harpes completou:

- Isso segundo o que você me disse. Então me responda agora. Isto está certo? Seu pensamento está correto?

O filósofo não sabia o que dizer ou até mesmo o que pensar. Ficou em silêncio com olhar espantado para Harpes, que apenas sorria carinhosamente. O mestre insistiu:

- Está certo seu pensamento? O deus único nos dá a alma, que também é vida?

Stephanopoulos resolveu seguir seus instintos e respondeu sem muito pensar:

- Sim, é mesmo isso...

Harpes nada disse. Stephanopoulos o olhava querendo uma resposta. Mas não a teve. O discípulo, agoniado com a espera, perguntou:

- Então, mestre, estou certo? É mesmo isso?

O mestre, com muita tranquilidade, respondeu olhando fixamente para o discípulo:

- Somos o que acreditamos ser. Se pensamos em algo, isto existe. Somos criadores de tudo também. Se esta é sua explicação, ela é verdadeira... para você, para mim, para outros... mas alguém pode ter outra, que também é verdadeira para ele e para outros. Não existem verdades, meu filho... a verdade está em nós... então, se isto é verdade para você... esta é a verdade.

Sem pensar, o discípulo perguntou:

- A verdade vem do deus único?

A resposta do mestre:

- Sim.

- Ele nos dá a chance de pensarmos e de termos a verdade? A verdade é dele? É ele? – Stephanopoulos perguntou.

Harpes suspirou e respondeu:

- Sim, meu filho... sim.

Stephanopoulos estava em estado de extrema contemplação daquelas explicações. Mas os jovens começaram a chegar e a aula deveria iniciar.

Após as saudações cordiais, Harpes, que observou tensão no rosto dos jovens, tratou de romper com este clima:

- Por que estão assim? Onde está a responsabilidade de vocês? – Falou com um enorme sorriso no rosto.

Os jovens perceberam o tom humorístico de Harpes e se soltaram um pouco, sorrindo. O mestre continuou:

- Hoje iremos começar a tratar de outra coisa. De nós.

Apontou para um dos alunos e perguntou:

- Você, me diga... o que somos nós?

Um enorme olhar de espanto no rosto do jovem era visível, que de tão nervoso, não conseguiu, ao menos, dizer que não sabia. Ficou tentando articular alguma fala, mas sem sucesso. Até que Harpes o ajudou:

- Tudo bem, meu jovem... porque esta é uma questão que poucos tratam, que poucos falam, que poucos pensam. Mas não seria importante? O que somos nós? Não seria importante pensar sobre isso? Alguém, por favor me responda, não seria importante pensar sobre isso?

Praticamente todos responderam que sim ao mesmo tempo. Harpes continuou perguntando:

- E por quê?

Silêncio. Harpes insistiu:

- Por que é importante que pensemos sobre o que somos nós?

Ninguém se manifestou. Com isso, o mestre indicou alguém para opinar. Apontou para um dos alunos e disse:

- Você, meu jovem... me responda... responda para todos por que é importante que pensemos sobre o que somos nós.

O jovem, apesar do nervosismo e de não ter ideia do que falaria, iniciou alguma resposta:

- Porque iremos descobrir ou podemos descobrir mais sobre nós – calou-se.

Harpes gostou:

- Muito bem, meu jovem! Porque podemos descobrir mais sobre nós... e o que será que podemos descobrir sobre nós que ainda não sabemos? Será que já sabemos tudo?

Stephanopoulos respondeu:

- Não creio que já sabemos tudo sobre nós. Mas não saberia dizer o que poderemos saber. No entanto é importante pensar para descobrir e estar certo de que qualquer coisa pode surgir.

Harpes, novamente, gostou de uma resposta:

- Muito bem, Stephanopoulos... mas não podemos começar com o que já sabemos? O que sabemos sobre nós? Alguém pode me dizer?

Um jovem levantou o braço e disse:

- Somos pessoas que nascem e morrem.

Outro acrescentou:

- E temos filhos, que também são pessoas que nascem e morrem.

Sem mais comentários, Harpes perguntou:

- Só isso? Stephanopoulos, por favor, diga-nos algo a mais sobre nós...

O filósofo pensou por alguns instantes e disse:

- Somos cópias dos deuses...

Silêncio entre os alunos. Harpes apenas os observou. Depois de alguns instantes, perguntou:

- De onde viemos?

Após um silêncio constrangedor, Harpes terminou a aula:

- Pensem sobre essas coisas...

Após as despedidas, todos retornaram para suas casas. Stephanopoulos cumprimentou Harpes e enquanto caminhava ouviu o mestre comentar:

- Muito o que pensar, Stephanopoulos?

O filósofo sorriu e respondeu:

- Sim, mestre... muito!

Stephanopoulos retornou para casa e os pensamentos fervilhavam em sua mente. Começou a escrever:

“Sobre o homem... o que há que sabemos? Que somos nascidos de onde? Quem nos fez? Por que nos fez e para quê? Não há muito que sabemos. Creio que sejamos nós, frutos de uma bondade

imensa, que nos fez igual ao que há de mais puro nesta vida. E se há mesmo um deus único, somos como cópias dele mas ainda sem a mesma bondade e os mesmos talentos, que iremos ainda conseguir... mas quando? Ainda não nos vejo em condições de ser uma boa cópia do deus único. Tudo ainda é um grande mistério. Mas estou certo de que cada um de nós pode ter todos os talentos e habilidades do deus único, sem precisar de nada especial, pois já temos o de que precisamos: sermos nascidos do deus único, frutos de sua bondade. Cabendo a nós, apenas nos esforçarmos para conseguir crescer como cópias. Mas ainda há muito o que se pensar sobre isso”.

Stephanopoulos parou de escrever. Notou que suas anotações não tinham a profundidade de outros dias. Leu e releu diversas vezes, mas o que estava escrito não o satisfazia. Sua insatisfação não era com o estilo literário ou com as palavras em si. Na verdade, ele estava sendo muito crítico com si mesmo e não encontrava em seu texto uma ideia profunda ou mais clara do que se propôs a escrever. O problema era que ele não poderia reescrever simplesmente porque ainda não possuía pensamentos que pudessem sustentar um texto mais aprofundado sobre o tema. Depois de muito reler, parou e resolveu pensar mais sobre o assunto. Ficou pensativo o resto do dia. Empenhou-se tanto na procura das respostas, que não se alimentou, não cuidou de si, nada mais fez, apenas pensou nas

questões que lhe povoavam a mente. As principais questões existenciais do homem.

Foi dormir tarde por puro cansaço e sem encontrar respostas que lhe agradassem.

No dia seguinte, retornou ao local das aulas. Ao chegar, como sempre, Harpes já se encontrava, ainda sozinho. Após as cordiais saudações, Stephanopoulos foi direto ao assunto:

- Diga-me, Harpes... você tem as respostas?

Harpes sorriu e se fez de desentendido:

- Respostas, Stephanopoulos? Quais respostas?

O filósofo, sem muita paciência porque havia dormido mal, retrucou:

- As respostas das perguntas que nos fez!

Harpes sorriu ainda mais porque estava achando engracada a reação intempestiva do discípulo. Com calma, respondeu:

- O que você pensa sobre isso?

- Não sei as respostas... por isso pergunto a você

– Stephanopoulos respondeu.

Harpes explicou:

- Não pergunto sobre isso. Pergunto se você crê que tenho as respostas ou não.

Stephanopoulos não entendeu e buscou confirmação:

- Você quer saber se eu acredito que você tem as respostas?

- Isso – Harpes esclareceu.

- Sim! – Stephanopoulos respondeu com indignação.

Harpes olhou bem para o discípulo e perguntou:

- E você acredita que minhas respostas serão boas para você?

- Sim! – Stephanopoulos novamente respondeu indignado.

Mas Harpes perguntou a ele:

- Por quê?

Stephanopoulos não sabia responder e tentou se comunicar gesticulando sem sentido, balançando os braços como se estivesse se explicando. Ao ver o descontrole do discípulo, Harpes tratou de esclarecer:

- Stephanopoulos... eu vejo que tentou sinceramente encontrar as respostas... e isso é muito bom. Mas igualmente vejo que não as encontrou... e isso é muito bom também. Porque significa que seu trabalho não acabou e que ainda há o que se fazer. Quando nada mais há a se fazer, a vida termina sem sentido, vazia. Esta a primeira e mais importante coisa a se ouvir: se não encontrar as respostas, fique calmo e continue procurando.

Fez uma pausa. Stephanopoulos já não mais estava com expressão tensa. O mestre continuou:

- Depois... o mais importante a saber não são as minhas respostas, o que penso, o que acredito... o mais importante são as suas respostas. Para estas perguntas não há respostas que sejam as melhores ou as verdadeiras. Há apenas todo o meio que o pensamento utilizou para encontrá-las. E esse meio é seu, é de cada um. O importante aqui não é encontrar a melhor resposta. É buscar a resposta. É se esforçar e pensar nas perguntas. Esse caminho é mais importante que as respostas. Por isso, se disser a você o que penso, lhe tirarei o meio de pensar, de encontrar as respostas. Pensar nestas questões é mais importante que encontrar as respostas. Esse caminho precisa ser feito. O caminho, Stephanopoulos, para essas perguntas, é mais importante do que as respostas.

Stephanopoulos estava envergonhado. Nada disse e apenas abaixou a cabeça. Mas Harpes

percebendo o constrangimento do discípulo tratou de levantar sua autoestima:

- Está assim por quê? Você fez certo! Você pensou! Está fazendo o caminho!

Mas Stephanopoulos respondeu cabisbaixo:

- Mas quis saber as respostas...

Harpes completou:

- E quem não as quer? Isso é normal! O importante é que você está pensando. Agora já sabe que o caminho, o pensar, é mais importante que as respostas. Pense mais nisso.

Stephanopoulos levantou a cabeça, sorriu timidamente e disse a Harpes:

- Obrigado...

Harpes sorriu. Os alunos estavam chegando e a aula iria começar.

Após todos se cumprimentarem e estarem devidamente acomodados, Harpes os olhou com serenidade e perguntou:

- Pensaram muito?

Todos responderam com entusiasmo que sim. Harpes continuou:

- Pensaram em quem somos e de onde viemos?

Todos responderam da mesma forma. O mestre, então, disse:

- Estou certo, com isso, de que poderei perguntar a qualquer um de vocês sobre isso que terei uma boa resposta.

Alguns risinhos entre os alunos. Harpes também sorriu. Apontou para um dos jovens e perguntou:

- Por favor, nos diga... quem somos?

O aluno respondeu de pronto:

- Somos fruto do amor dos deuses.

Harpes fez expressão pensativa e repetiu a frase como se estivesse a analisando:

- Somos fruto do amor dos deuses...

Fez uma pausa olhando para o jovem e depois continuou:

- Essa frase é muito bonita, sem dúvida... mas não me responde muito... somos fruto, a seu ver... mas qual fruto? Que deuses? Todos eles ou só alguns? E, principalmente, que amor? Como isso se dá?

Parou de falar e ficou olhando para o jovem. Como ele nada disse, o mestre pediu que dissesse:

- Por favor, nos explique... estamos aguardando.

O jovem estava com aquela resposta preparada, porém não tinha mais nada. Nervoso, tentou responder:

- O amor dos deuses é a vontade deles em nos fazer... é a vontade deles em ação... e...

Como Harpes percebeu que o jovem não tinha nada mais a dizer, o interrompeu porque desejava comentar sua resposta, que mesmo incompleta, daria uma boa observação. Disse:

- A vontade dos deuses é o amor em ação... estou certo? É isso que você disse? – Perguntou ao aluno.

- Sim... – O aluno respondeu de forma insegura.

Harpes continuou:

- A vontade é primordial em qualquer ação. Sem vontade nada se faz... nem nós. Ele está certo quando diz que existe vontade envolvida para estarmos aqui. E só existe vontade porque existe sentido. O que é o sentido? O que é uma coisa que faz sentido?

Fez uma pausa como que pensando em como se expressar melhor. Continuou:

- Vocês estão aqui porque desejam aprender... isto faz sentido para vocês. Eu estou aqui porque faz sentido estar aqui. Quando vocês não entendem, me perguntam, porque faz sentido para vocês me perguntarem caso não saibam a resposta. Ou seja, quando algo nos parece certo, faz sentido para nós cometermos aquela ação. E quando há vontade envolvida em algo é porque faz sentido cometer a ação. Portanto, faz sentido para os

deuses, dentro da resposta de nosso amigo, usar suas vontades para, através do amor, nos colocar aqui. Mas por que faz sentido? Por que para os deuses faz sentido que estejamos aqui? E mais... Eles nos criam? Como é feito? Eles colocam suas vontades em ação. Mas como?

Olhou para os alunos esperando alguém se pronunciar. Como ninguém disse nada, escolheu um e chamou para a conversa:

- Você – apontou para o jovem – nos diga, por favor, o que pensa sobre isso.

O jovem, pego de surpresa, tentava responder o que lhe vinha à cabeça naquele momento:

- Por que faz sentido? Deixe-me pensar... se faz sentido... é porque eles querem que isso aconteça ou porque isso precisa acontecer... acredito que o poder de suas vontades é capaz de nos formar... é capaz de fazer com que tudo o que somos seja possível de surgir.

Harpes estava surpreso com a resposta. E elogiou:

- Muito bem, meu jovem! Muito bem. Sua resposta é muito boa! Vejamos... se faz sentido é porque é algo dentro do esperado ou desejado. Não sendo algo fora do usual, mas até poderia ser... e o poder de suas vontades é capaz de nos formar... é isso mesmo. O poder de suas vontades é tamanho que é mesmo capaz de nos formar.

O mestre parou de falar e apenas observou seus alunos. Esperava que alguém quisesse se pronunciar também. Stephanopoulos disse:

- Se me permite, mestre...

Harpes consentiu com a cabeça e Stephanopoulos continuou:

- Somos aquilo que os deuses desejam que fôssemos, mas temos a liberdade, o que pode nos levar a caminhos diferentes do que os deuses possam ter escolhido para nós.

Harpes argumentou:

- Sim, mas essa fala é de como agimos aqui. Isto é depois. Quero saber quem somos, não como agimos.

Stephanopoulos insistiu:

- Mas somos o que fazemos.

Harpes explicou:

- Sim, concordo. Mas no início? Quem somos, Stephanopoulos?

Fez uma pequena pausa e depois perguntou ao discípulo segurando uma pena em uma das mãos:

- Diga-me... O que é isto?

- Uma pena – O discípulo respondeu sem demora.

Harpes explicou:

- Muito bem. Uma pena. E agora me diga com a mesma simplicidade... Quem é você, quem sou eu,

quem são eles... quem somos? O que somos nós? Isto é uma pena... e nós, o que somos?

Stephanopoulos apenas fez expressão de dúvida. Harpes explicou:

- Essa, meus amigos... a grande pergunta...

Os alunos ficaram em silêncio. Suas expressões eram de extrema dúvida. Harpes apenas os observou durante alguns segundo e logo prosseguiu:

- Os deuses nos fazem através da ação de suas vontades... foi dito isto aqui... estou certo?

Os alunos timidamente balançaram as cabeças consentindo com a colocação do mestre, que continuou:

- Então, somos feitos por deuses... e sabendo disso, podemos dizer que...

Um dos alunos se apressou em responder:

- Somos deuses!

Muitos acharam engraçado e até riram. Stephanopoulos não. Harpes sorriu apenas para não constranger o aluno. O mestre explicou:

- Creio que isso que disse é mais valioso do que você mesmo possa acreditar. Você nos disse isso de forma a ser cômico, isso só me faz acreditar o quão de importância você dá a esta resposta. Não estou com isto dizendo que você fez certo ou errado. Digo que sua

resposta é boa, mas a forma como a disse apenas mostra que você não acredita tanto nela. Estou certo?

Já sem o sorriso no rosto, o aluno respondeu:

- Sim, mestre, está certo.

Harpes continuou:

- Stephanopoulos, por favor... se somos deuses, faça chover agora.

Alguns riram. Harpes fez o seguinte comentário:

- Por favor... podem rir!

Após o momento de descontração geral, o mestre prosseguiu:

- Entendam este pensamento... somos feitos pelos deuses, o que nos leva a crer que somos deuses, mas sabemos que não somos... ou ainda não somos porque não fazemos as coisas que os deuses fazem, como chover. Então... o que falta? Somos mesmo deuses? Ou somos deuses, mas ainda temos coisas a aprender? Os deuses nos fazem mesmo? Estamos todos acreditando que somos feitos pelos deuses? Isso está certo para todos aqui?

Alguém disse lá de trás:

- E o senhor, mestre? Está certo para o senhor também?

Harpes sorriu e respondeu para a curiosa e ansiosa plateia de alunos:

- Eu tenho meus pensamentos mas não posso os dizer ainda, porque preciso que vocês pensem por vocês, não seguindo o que acredito.

Stephanopoulos aproveitou a pausa e disse para que todos ouvissem:

- O caminho do pensamento é mais importante que as respostas...

O mestre sorriu e disse ao discípulo:

- Isso mesmo. Obrigado, Stephanopoulos.

Um aluno perguntou:

- Mas não nos dirá jamais o que pensa?

Harpes respondeu:

- Sim, direi. Certamente, meu jovem. Mas quando estiverem pensando melhor sobre isso. E voltando ao pensamento... todos acreditam que somos feitos pelos deuses?

Os alunos se entreolharam e, de forma tímida, foram dizendo que sim, balançando suas cabeças, ou seja, a turma mesmo de forma desordenada, consentia com a premissa proposta por eles próprios. O mestre continuou:

- Certo. Então somos feitos pelos deuses. Mas isso nos torna deuses? Afinal, queremos saber quem somos. Esta é a pergunta.

Fez uma pausa, observou a todos e perguntou a Stephanopoulos no intuito de ajudar a turma a pensar melhor ou a se desinibir no raciocínio:

- Stephanopoulos, por favor, nos diga o que pensa.

O discípulo não demorou em dizer:

- Acredito, mestre, que somos feitos pelos deuses e somos deuses, mas ainda não prontos. Temos o poder dos deuses em nós, mas não sabemos usar. Precisamos aprender. Eu diria que ainda não somos deuses, mas somos aprendizes deles e precisamos aprender a ser como eles.

Harpes comentou:

- Precisamos aprender... mas como?

Stephanopoulos respondeu:

- Vivendo.

- Vivendo e aprendendo – comentou, o mestre.

Assim, Harpes terminou a aula, mas antes disse a seus discípulos que pensassem ainda mais sobre o tema.

Os jovens foram embora, como de costume. Mas Stephanopoulos não se despediu de Harpes. Ao contrário, disse a ele:

- Mestre, tens algum compromisso que o faça ir embora imediatamente?

O mestre respondeu calmamente:

- Stephanopoulos, tem algo a dizer?

- Apenas se não for causar dano ao mestre - Stephanopoulos respondeu.

Harpes comentou:

- Se deseja conversar, podemos, Stephanopoulos, pois posso ficar contigo.

O discípulo sorriu e perguntou:

- Eu sei, mestre, que me disse que o caminho para as respostas é mais importante do que as respostas, mas por favor, me diga se estou no caminho certo.

O mestre sorriu e comentou:

- Não se atormente tanto, Stephanopoulos... tudo irá surgir quando estiver pronto.

Mas o discípulo insistiu:

- Não estou me atormentando, não me sinto assim. Apenas desejo saber se caminho na direção certa. Não quero escrever, não quero pensar nada se não for correto.

Harpes parou um pouco, pensando, e em seguida disse ao discípulo:

- Stephanopoulos, eu entendo que somos feitos mesmo pelo deus único. É nisso que você acredita?

O discípulo sorriu e respondeu:

- Sim. Eu apenas continuo dizendo deuses na frente deles pois ainda guardam esta ideia.

Harpes perguntou:

- E no que mais acredita?

Mais confiante, o discípulo respondeu:

- Se o deus único é perfeito, não poderia ter feito algo imperfeito. Então, nós, feitos por ele, somos perfeitos. Mas ainda não somos. Precisamos aprender a ser e fazemos isso vivendo, sentindo, chorando, sorrindo. Mas não sei como ele nos faz.

Harpes sorriu e perguntou ao discípulo:

- Então, Stephanopoulos, por favor, me diga quem somos nós.

Stephanopoulos respondeu de pronto:

- Somos feitos pelo deus único, somos perfeitos por isso, mas ainda não aprendemos a ser. Podemos ser, mas ainda não sabemos.

O mestre perguntou:

- E existem homens perfeitos?

O discípulo sorriu e respondeu:

- Em algum lugar.

O mestre fez uma pausa e em seguida, em tom sério, disse ao discípulo:

- Eu não sei o que tanto lhe aflige. Você tem as respostas mais importantes. Sabe quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Por que, Stephanopoulos, por que não se sente bem com isso? Por que parece não saber que sabe? Não confia no que sabe?

Stephanopoulos não esperava por essa colocação do mestre. Tentou se expressar:

- Eu sei? Isso é bom, mas...

Não conseguia dizer mais do que isso. Harpes continuou:

- Apesar de saber, de ter as respostas, você não se sente bem com isso. Você não sabia que tinha as respostas?

O discípulo respondeu:

- Não. Eu me preocupei em saber e creio que esqueci que as sabia... eu não sei, mestre... eu não sei.

O mestre sorriu e disse em tom fraternal:

- Você sabe muitas coisas, mas o que precisa mesmo saber é confiar no que sabe.

Harpes fez uma pausa e concluiu:

- Agora, Stephanopoulos, vá para casa e confie no que sabe e faça o que tiver que fazer.

O discípulo agradeceu ao mestre e se despediu cordialmente. O mestre foi embora sorrindo, satisfeito com o resultado da conversa. E Stephanopoulos, também sorrindo, foi para sua casa e tinha a intenção de escrever sobre o tema.

Stephanopoulos estava com a mente fervilhando em informações e pensamentos. Mais importante que isso, estava confiante. Sabia que poderia escrever pensamentos profundos, que daria vazão a tais pensamentos e não teria limitações para isso, ou seja, não sentiria culpa ou não estaria com a mente fechada para escrever pensamentos contundentes. Estava pronto. Estava calmo e confiante. Chegou em casa e não perdeu tempo.

Mas antes que pudesse iniciar a escrever, como sempre fazia, pois chegava em casa e logo se colocava a escrever, fez algo diferente. Algo que sentiu vontade em fazer. E fez com total pureza de intenção e sinceridade absoluta.

Sentou-se ao chão e começou a falar em voz alta:

“Ó deus único... Tu que nos fez, nos conduz, nos mostra nossos trabalhos, coisas certas e coisas erradas... Tu, deus único, que me perdoe por não ter um

nome para lhe falar. Tu, deus único, que é a realidade única de tudo o que vemos e sentimos... mas não está aqui aos nossos olhos, mas está vivo em nossos corações, dê-me a sabedoria e a certeza de que escreverei apenas verdades, para que ninguém seja enganado por meus escritos. Permita que seja alguém para escrever por ti. Sei que nada sou, que sou imperfeito, mas não temo ser mais do que sou, porque quero apenas o bem. Sou um homem teu, sou alguém de ti, nada que escrevo ou penso é meu, porque é teu. É tudo teu, portanto, ó deus único, permita que escreva o que tu desejas e seja de tua vontade. Permita, ó deus único, que eu seja, ao menos agora, uma parte viva de ti. Obrigado, ó deus único. Fazei-me ser o que desejas".

Stephanopoulos terminou a bela oração às lágrimas. Emocionadíssimo, iniciou, assim mesmo, seus escritos, pois sentia que poderia contribuir profundamente para os homens com seus pensamentos. E foi assim:

"Então me perguntaram: quem somos? E nada sabia dizer. E então me perguntaram: quem somos? E nada sabia dizer. Eu me perguntava: quem somos? E nada... nada conseguia pensar. E esta pergunta ficou em mim como doença no corpo que não sai, que não cura. Em mim como uma chaga, doendo dia e noite sem melhorar, sem mostrar que algum dia ficaria boa. Esta chaga em mim queimava-me por dentro, eu não comia, eu não bebia, eu não dormia, eu não pensava. Nada conseguia fazer direito. E quanto mais eu buscava a resposta, menos conseguia encontrar e mais a sentia queimar em mim, mais a sentia viva em mim. Esta pergunta ganhou vida em mim e já era algo além do que sou. Ganhou presença viva e alheia às minhas vontades. Esta pergunta, viva, forte e capaz, me batia

com sua imponente majestade, bela e vil. E me atormentava a cada dia, mesmo que nada me fizesse de mal, mesmo que não me agredisse, mesmo que apenas ficasse parada olhando para mim, como quem duvida de nós. Até que entendi. Ela ganhou vida porque eu a dei vida. Com minha vontade. Minha vontade em respondê-la me fez preocupar-se demais com ela, e com tamanha preocupação, fiquei apenas pensando e pensando e pensando nela, com vontade. E esta vontade a deu vida. Eu fiz a vida na pergunta. Eu, através de minha vontade, dei vida a algo. Que era meu, que ninguém mais via ou sentia. Porque não sou forte o suficiente para dar vida a algo que todos possam ver. E quem poderia? Pensei. Foi então que tudo se resolveu ou começou a se resolver. Quem seria capaz de dar vida a algo que todos pudessem ver e saber que estava vivo, sem perguntar ou duvidar? Alguém forte e poderoso o bastante. Alguém que não divida sua força, não porque não queira, mas porque não possa, porque é único, porque se dividisse sua força, seu poder, não seria mais quem é. Mesmo assim, contribui, através de seu amor e de sua vontade, para nos dar o que precisamos para sermos como ele, algum dia. Ele é o deus único. Não há mais. Não há outro. Há apenas um. Forte, capaz e poderoso. Generoso e bom. Ele, o deus único, assim como eu através de minha vontade dei vida à pergunta, dá-nos vida também apenas exercendo sua vontade. E então consegui responder quem somos. Somos feitos pelo deus único. Somos feitos para melhorar sempre e para nos tornarmos perfeitos como ele. Somos, portanto, filhos do deus único. Ele é nosso pai. Ele nos fez com amor através de sua enorme vontade. Apenas através de sua vontade, ele nos fez. E isso, apenas isso, demonstra o tamanho de seu poder e de seu amor. A ele, portanto, devemos elevar nossos

corações e agradecer. A ele devemos seguir e ser como ele, bondosos e usar nossas vontades para fazer o bem e as coisas boas, pois somente assim seremos como ele e faremos o que lhe agrada. Pois se ele faz o bem, como o mal poderia o agradar? E faz o bem porque nos fez. E por que nos faria se não nos amasse? E se nos ama é porque é bom. Sejamos como ele, como nosso pai. Sigamos para ele”.

Stephanopoulos escreveu todo este texto em lágrimas, soluçando em alguns trechos, com palpitações no peito. Mas ao terminar, sentiu uma paz que jamais sentira e se acalmou rapidamente. Sentiu-se pleno e feliz. Olhou o que escrevera e, com satisfação e exausto, deitou-se ali mesmo e dormiu com um sorriso em seu rosto.

Stephanopoulos havia chegado em questões sutis que seriam abordadas por outros pensadores gregos, mas em profundidade apenas por Jesus. Aquele foi um grande momento para este dedicado espírito.

Capítulo 6

No dia seguinte, sentindo-se tranquilo e com paz em seu coração, Stephanopoulos chegou ainda mais cedo no local da aula e Harpes já lá estava. O discípulo levou o que escrevera para que seu mestre pudesse ler e dar sua opinião.

Ao chegar e após as cordiais saudações, Stephanopoulos disse:

- Mestre, consegui escrever como jamais houvera antes!

Harpes sorriu e externou sua alegria:

- Fico felicíssimo por ti, Stephanopoulos!

O discípulo continuou:

- Escrevi com o coração, se isto é possível... de alguma forma, mestre... senti-me junto ao deus único enquanto escrevia...

O mestre comentou:

- Eu comprehendo o que dizes...

Stephanopoulos olhou nos olhos de seu mestre e perguntou:

- Eu trouxe o que escrevi... deseja ler e me dizer depois o que pensa sobre isto?

Harpes respondeu:

- Dê-me.

E assim, de forma séria e profunda, Harpes se dedicou a ler o texto de Stephanopoulos escrito no dia anterior. Não dizia nada enquanto lia. Não esboçava nenhuma reação, não demonstrava sentimento algum. Não tinha nenhuma expressão facial. Stephanopoulos estava tenso com a impavidez de seu mestre, mas aguardou de forma paciente.

Ao terminar de ler, Harpes olhou para o discípulo e disse de forma calma:

- Você conseguiu...

Stephanopoulos respirou aliviado e ficou tão emocionado que abraçou Harpes com sinceridade. O mestre retribuiu o carinho, mas perguntou ao discípulo:

- O que deseja fazer com isto?

Stephanopoulos não entendeu:

- Por que pergunta?

O mestre explicou:

- Você pode guardar e não mostrar a mais ninguém. Você pode guardar e mostrar depois apenas para alguns. Você pode mostrar agora para todos... O que deseja fazer?

- Eu não sei – Stephanopoulos respondeu.

O mestre concluiu:

- É algo bom para se pensar.

- Por quê? – O discípulo perguntou.

O mestre explicou:

- Stephanopoulos, existem coisas escritas aí que não são o que se pensa pelo povo. Coisas boas, mas que não estão no pensamento. Isso pode ser uma dificuldade, pois o povo pode não aceitar nada do que está escrito aí e não te ver como alguém que mereça atenção. Será que o povo está preparado para ouvir tudo isso? Essa é a pergunta que você precisa responder. E ainda há outra. Se a resposta for que não, que o povo não está preparado para ouvir, há outra pergunta. Neste caso, estou eu preparado para ser rejeitado pelo povo? São perguntas que apenas você pode responder, Stephanopoulos.

O discípulo sorriu e respondeu:

- Sim, Harpes... entendo...

Os jovens estavam chegando e a aula iria começar.

Harpes cumprimentou a todos e depois que os alunos estavam sentados e aguardando o início, o mestre olhou para eles com extremo carinho e disse:

- Vocês são parte de mim. Em vocês está um pouco de mim mesmo, algo que saiu do que tenho de mais valioso e ajudou a formar quem vocês são hoje e quem serão amanhã. Reconheço em vocês a parte que me cabe, o pouquinho que dei e que está vivo em vós. Por isso, viverei através de vocês enquanto viverem e enquanto passarem o que disse a vocês para outros. Então, apenas peço que me mantenham vivo.

Os alunos estavam assustados com o tom de despedida do mestre. Ninguém conseguiu dizer nada. O silêncio permaneceu enquanto Harpes fazia uma pausa. Mas logo em seguida, continuou:

- Ainda me restam alguns anos de vida. E os quero viver buscando o que importa, o que é verdadeiro, o que é puro. Quero buscar viver com o deus único.

Os alunos não entendiam, pois com exceção de Stephanopoulos, não conheciam o conceito de monoteísmo, ainda estavam ligados à existência de vários deuses e deusas.

Um aluno tomou coragem e perguntou com a voz baixa e rouca:

- Deus único?

Harpes sorriu e respondeu:

- Sim. Só há um.

Olhares de espanto em todos os alunos. Stephanopoulos permanecia em silêncio. Outro jovem perguntou:

- Mas como, mestre? Como só há um deus... e os outros? Como é possível?

Harpes apenas disse:

- Stephanopoulos pode explicar para vocês.

Nesse momento, Stephanopoulos arregalou seus olhos com extremo espanto, pois jamais poderia imaginar que Harpes dissesse algo parecido. Os jovens olharam igualmente espantados para ele buscando explicação, não para o conceito de deus único, mas explicação para o porquê o mestre havia dito o que disse. Stephanopoulos não conseguia responder nada e pediu, ele, explicações ao mestre:

- Mestre... não entendo...

Harpes com sorriso sereno e demonstrando a calma que lhe era peculiar, perguntou:

- Você não pode responder?

Stephanopoulos respondeu:

- Sim, mas...

Harpes o interrompeu:

- Então, diga... eles estão esperando...

O discípulo ainda tentou argumentar:

- Mas o que você disse sobre...

Mas o mestre o interrompeu novamente:

- Stephanopoulos, diga a eles sobre o deus único... depois entenderá tudo...

O discípulo, mesmo com dificuldades de se pronunciar devido ao impacto daquele momento, virou-se para a turma e começou a explicar o que sabia. Estava sentado no chão e Harpes, de pé, novamente o interrompeu:

- Não, Stephanopoulos, venha aqui e eu me sentarei no seu lugar.

Assombro em todos. Stephanopoulos, mesmo congelado pelo medo, lentamente levantou-se e trocou de lugar com Harpes. Ao olhar o mestre sentado em seu lugar e sentir-se ocupando o lugar do mestre, Stephanopoulos percebeu-se estranho, mas continuou e durante pouco mais de duas horas discursou, debateu, respondeu e disse tudo o que sabia sobre o conceito de deus único. Os alunos acompanhavam atentamente e perguntavam bastante. Stephanopoulos conseguia responder a todas as perguntas com certa desenvoltura apenas porque conhecia muito bem o tema.

Harpes apenas sorria e acompanhava o momento. Ao final, os alunos haviam aprendido algo mas certamente ainda precisariam pensar mais sobre o assunto para entender melhor. E Stephanopoulos disse exatamente isso:

- Vocês precisam pensar mais sobre isso... e se Harpes permitir, amanhã vocês poderão falar mais com ele.

Nesse momento, Harpes levantou-se e disse ao discípulo:

- Obrigado, Stephanopoulos... pode sentar-se...

O discípulo sentou-se junto aos demais e Harpes comentou:

- Foi uma boa explicação... Stephanopoulos está certo quando diz que precisam pensar mais sobre isso.

Um aluno aproveitou a pausa do mestre e perguntou a ele:

- Amanhã você estará aqui, mestre?

Todos tinham interesse na resposta, principalmente Stephanopoulos, que tinha medo de que o mestre dissesse que não. Harpes respondeu:

- Sim. Estarei amanhã.

Outro aluno perguntou:

- E depois?

Harpes sorriu e respondeu:

- Não se preocupem... continuarão aprendendo...

E assim, o mestre encerrou a aula e os alunos foram embora. Stephanopoulos, com pouco entendimento sobre a questão, procurou o mestre para buscar respostas. Mas antes que pudesse perguntar algo, Harpes lhe disse:

- Volte amanhã, Stephanopoulos... hoje não direi mais nada. Mas apenas volte, se assim desejar...

O mestre foi embora sem dizer mais nada e Stephanopoulos, com a mente repleta de dúvidas, voltou para sua casa.

O que mudaria? Nada? Estaria Harpes preparando seu melhor discípulo para ocupar seu lugar? Ou não?

Muitas dessas perguntas ocupavam a mente de Stephanopoulos e ele pensaria muito nisso buscando as respostas.

Capítulo 7

Stephanopoulos não conseguiu dormir durante a noite. Seus pensamentos estavam confusos e sua ansiedade não permitia que tivesse clareza em sua linha de raciocínio.

Ele considerava que Harpes estava preparando espaço para que ele, Stephanopoulos, pudesse assumir o lugar de mestre. Era justamente isso que o assombrava. Não que entendesse que não pudesse, mas sentia que seria responsabilidade demais para ele. Sentia-se assustado com essa possibilidade, mas não pensou em nunca mais aparecer. Decidiu, ao contrário, comparecer no dia seguinte e enfrentar seu destino, seja qual fosse.

No entanto, Harpes jamais disse isso. Apenas sugeriu, mesmo que muito sutilmente, que isso pudesse acontecer, mas não disse quando ou mesmo se iria acontecer. Stephanopoulos precisava esperar.

No dia seguinte, sem dormir, cansado, com dúvidas e com muito medo do que pudesse acontecer, Stephanopoulos se dirigiu ao local das aulas. Tentou chegar mais cedo para ter mais tempo com Harpes antes dos outros alunos chegarem. E isso realmente aconteceu. Ele chegou mais cedo e o mestre já estava no local. Stephanopoulos se encaminhou a ele e disse cordialmente:

- Mestre... regozijo-me emvê-lo novamente...

Harpes apenas sorriu com simpatia, balançou a cabeça concordando e fez um movimento com a mão que indicava que devolia o cumprimento. Permaneceu em silêncio, e sorrindo, olhava para o discípulo.

Stephanopoulos, sem jeito, tentava entrar no assunto que lhe afligia:

- Mestre... como serão nossos assuntos de hoje?
Como de habitual?

Harpes respondeu com simplicidade extrema:

- Sim, Stephanopoulos.

O discípulo continuou tentando arrancar alguma informação do mestre:

- Terá algo sobre o que disse ontem?

Harpes foi enigmático:

- Podemos dizer... que sim...

Stephanopoulos percebeu que não conseguiria extrair nenhuma informação caso não fosse direto. Por isso perguntou sem meias palavras:

- Mestre... o senhor me deixará em seu lugar?

O mestre perguntou também:

- Por que me pergunta isso, Stephanopoulos?

O discípulo, impaciente com a resposta parecendo alienada do mestre, foi mais acintoso em sua colocação:

- Mestre, perdoe-me, mas ontem o senhor deixou a todos nós assustados com a sua saída daqui nos deixando a meus cuidados...

- É isso o que lhe aflige, meu filho? – Harpes perguntava calmamente.

Stephanopoulos, ainda mais impaciente com aquela conversa que parecia não ter sentido, respondeu:

- Sim! É isso o que me aflige... o senhor pode me responder?

Harpes sorriu e perguntou:

- Se lhe aflige, por que não perguntou antes? Por que não perguntou de forma simples, Stephanopoulos?

O discípulo não sabia o que dizer. Harpes continuou:

- Ainda é cedo para isso. Mas tenho esse desejo. Não se inquiete, pois não deixarei que você tenha peso demais sobre seus ombros. Deixarei contigo o fardo do conhecimento quando o puder carregar. E se não puder, não deixarei contigo.

Stephanopoulos perguntou:

- Mestre, mas por que parecia que seria hoje?

- Para ver como reagiria – o mestre respondeu.

O discípulo perguntou:

- E como fui?

Harpes sorriu enquanto os alunos já estavam chegando. O mestre disse rapidamente antes que todos se aproximassem e pudesse ouvir:

- Pergunte a você mesmo.

Os alunos chegaram e a aula iria começar.

A expressão nos rostos dos alunos era de nítida tensão. Isso apenas demonstrava a vontade que tinham de permanecer recebendo os ensinamentos através de Harpes. O mestre aguardou que todos estivessem devidamente sentados e acomodados para iniciar a aula. Após um breve silêncio, disse a seus discípulos:

- Comecemos a aula...

Os alunos se entreolharam como que buscando apoio um no outro para ter forças de perguntar sobre a atitude do mestre na aula anterior, onde deixou nas entrelinhas que nomearia Stephanopoulos para substituí-lo. Como parecia que Harpes seguiria o curso normal da aula, um dos alunos interrompeu e perguntou:

- Mestre, o senhor continuará conosco? Stephanopoulos não o irá substituir?

Harpes sorriu e disse calmamente:

- Eu continuarei... se assim desejarem. Mas como percebo que sou bem-quisto por todos, continuarei. Stephanopoulos tem condições de ficar em meu lugar... mas ainda não é hora. Estarei entre vós por ainda algum tempo.

Todos sorriram. As expressões de alívio eram evidentes, inclusive em Stephanopoulos, que disse em tom de brincadeira:

- Não me querem mesmo...

Risos altos e clima de descontração. Harpes apenas observou e em seguida, após todos se acalmarem, perguntou ao grupo:

- O que desejam saber?

Não era usual que o mestre perguntasse a seus discípulos o que desejavam aprender, e sim, que ensinasse o que julgasse útil naquele momento. Por isso, os alunos, como foram pegos de surpresa, não sabiam o que dizer, mesmo Stephanopoulos, que se pronunciou:

- Mestre... diga-nos o que precisamos saber.

Um coro de concordância entre os alunos foi ouvido. Mas Harpes negou:

- Não, Stephanopoulos... digam vós o que desejam saber.

Um aluno disse:

- O que tem depois do céu?

Harpes sorriu e comentou:

- Algo bom a se saber.

Mas como não respondeu, nem mesmo esboçou isso, Stephanopoulos perguntou:

- Não irá responder, mestre?

Mas Harpes disse:

- Já respondi, Stephanopoulos... algo bom a se saber...

Todos ficaram em silêncio. Pois apesar de parecer cômico, não era. E todos perceberam que o mestre falava seriamente, por sua expressão. Alguém perguntou:

- O senhor não sabe a resposta?

Harpes, sem se incomodar com o questionamento, respondeu:

- Sei. Algo bom a se saber. Mas eu sei. E vocês, sabem? E vocês? Querem que diga tudo? Se desejam saber algo, que pensem a respeito e me tragam seus pensamentos, que veremos...

Stephanopoulos, mais acostumado com essa postura do mestre, não se incomodou e disse:

- Acima do céu está o deus único... à nossa espera...

Harpes perguntou:

- Quem concorda com ele?

Alguns poucos tímidos levantaram os braços, mas ninguém sabia ao certo o que fazer. Harpes concluiu:

- Acima do céu está o que existe em nós. Conheçamos o que é perguntando a nós, olhando em nós.

Assim, o mestre se despediu dos alunos e a aula terminava. O mestre saiu rapidamente e apenas acenou para Stephanopoulos, que foi para sua casa pensar sobre a aula.

Durante o percurso a mente de Stephanopoulos pensou em muitas coisas, inclusive na possibilidade de passar seus conhecimentos para os mais jovens, apesar de sua postura tímida. Mas o filósofo pensou bastante sobre as questões da aula, sobre o céu e o que há nele e além dele.

Ao chegar em casa, Stephanopoulos escreveu:

“Nossos olhos miram o alto, o céu, e não compreendem o que veem. O que há no céu? Além do céu? Eu digo que há o deus único, que nos vê. Eu digo que há muito. Muito mais do que possamos entender, ver e sentir. O céu é um mistério, mas o deus único não é mais um mistério para mim. Há somente um deus e ele nos fez e nossas vidas são sua própria vida. Não sei o que acontecerá, mas não perderei minha crença no deus único”.

Epílogo

Durante mais alguns meses, Stephanopoulos frequentou as aulas de Harpes, que seguiam normalmente, sem que nenhum deles novamente tenha retornado ao assunto da substituição do mestre pelo discípulo. Os alunos continuavam também as frequentando e os ensinamentos ficavam sempre no campo do que já havia sido abordado, pois que Harpes sempre tentava incluir complementos no que já se houvera aprendido.

Durante esse período, Stephanopoulos não escreveu mais. Apenas revisou alguns de seus textos na tentativa de deixá-los mais claros.

Harpes tinha a intenção de deixar Stephanopoulos em seu lugar, pois o considerava como seu melhor aluno. Mas ainda precisava esperar mais algum tempo para que ele, o discípulo, se acostumasse com a ideia e pudesse, dessa forma, aceitar o desafio e o cumprir com tranquilidade, pois qualidade, Harpes sabia que não lhe faltava.

No entanto, um dia tudo isso se acabou. Stephanopoulos sentiu-se mal durante a noite e seu espírito foi levado pelos anjos do Senhor para o céu. Despertou na espiritualidade, pôde entender o que havia no céu e além dele. Harpes encerrou o curso e se refugiou até sua morte.

Embora a narrativa, sob o ponto de vista terreno, seja melancólica, pela ótica espiritual não é. Uma vez que Stephanopoulos e Harpes se reencontraram na espiritualidade e iniciaram um projeto junto com mentores espirituais para a difusão de conhecimentos e para que suas ideias e as verdades espirituais pudessem ser levadas através da filosofia. Muitas dessas ideias foram absorvidas por pensadores e profetas e ajudaram no entendimento das massas sobre os mistérios das coisas espirituais.

Stephanopoulos e Harpes são espíritos que ainda hoje estudam e atuam nos campos filosófico e humanitário, sempre em prol da coletividade e do bem geral.

Enquanto autor, eu, Lucarino, deixo meus sinceros agradecimentos a estes dois expoentes espirituais, que como tantos outros, são absolutamente anônimos aos olhos das massas, fato que lhes agrada.

www.mediumfabiobento.com.br